ILUSTRAÇÃO

1.º ANO — Número 18 Lisboa, 16 de Setembro de 1926 PREÇO 4$00

A revista portuguesa de maior tiragem e expansão

PETROLEO

M. d. F.

HAHN

PARA O CABELO

Loção fortificante e regeneradora, indispensavel para limpeza, aformoseamento, conservação e desenvolvimento da cabeleira

FRASCO GRANDE 20$00 FRASCO PEQUENO 14$00

VENDA POR GROSSO

Agentes depositarios: J. DELIGANT, L.da

15, RUA DOS SAPATEIROS — LISBOA

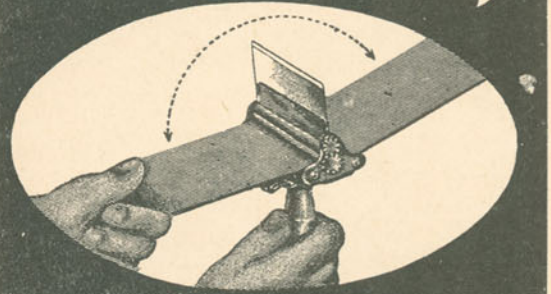
A PHOSPHATINE FALIÈRES

misturada com o leite é o alimento o mais agradavel e o mais recommendado para as creanças desde a idade de 7 a 8 mezes sobretudo ao momento da ablactação e durante o periodo da crescidão.

Util aos estomagos delicados, aos velhos e aos convalescentes.

Maison CHASSAING (G. PRUNIER & C.ie), 6, Rue de la Tacherie, PARIS

Máquina de barbear "VALET" Auto Strop



Economisa continuas despezas de laminas novas

PRINCIPAIS VANTAGENS

1.º Dispositivo suavisador que permite dar á lamina em dez segundas um fio finissimo, sem haver necessidade de retirar á lamina da maquina e sem necessitar de nenhum apparelho especial e custoso.

2.º Graças á qualidade do aço as laminas podem servir 50 vezes ou mais, economisando continuas despezas de laminas novas.

3.º A limpeza é extremamente facil, não havendo necessidade de retirar a lamina nem de desaparafusar ou desmontar nenhuma peça.

Agencia: Lachaud, 44 Rua dos Fanqueiros Lisboa

DÔRES DE CABEÇA PASSAM RAPIDAMENTE

COM AS TABLETAS DE

Veramon-SCHERING

que não atacam o coração nem causam sôno ou sensações de calor.

Atenção: o empacotamento original de 10 e 20 tabletas de 0,4 gr.

Os purgantes energicos provocam quasi sempre o enjôo.

ENO'S " Fruit Salt ", o verdadeiro Sal de Fructa, reputado em todo o mundo ha mais de 50 anos, não tem o inconveniente acima. Exempto de saes mineraes e de assucar, possuindo muitas das propriedades refrigerantes da fructa, pode combater a prisão de ventre sem violencia, e restabelecer, por meios naturaes, o funcionamento normal do intestino.

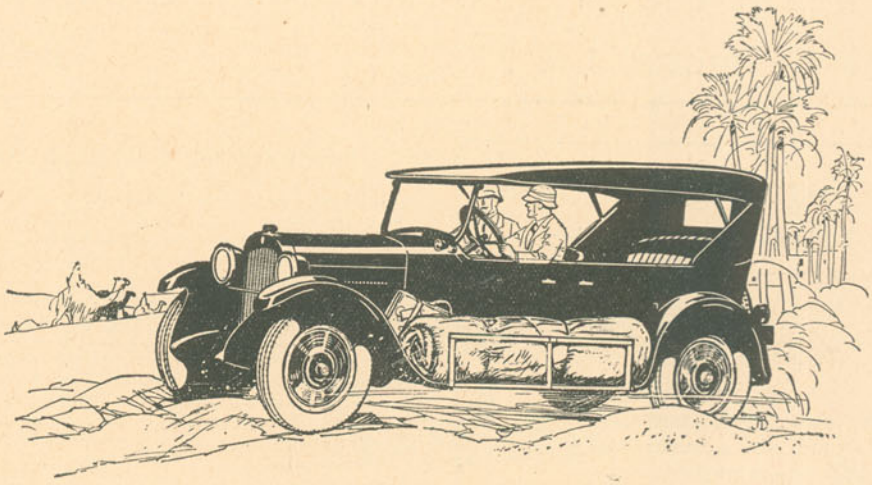
Uma colher, das de café, num copo d'agua, de manhã e á noite.

Depositarios em Portugal:

Robinson, Bardsley & Co. Ltd.

8, Caes do Sodré, **Lisboa**

As palavras " Fruit Salt" "Sal de Fructa" e "Eno", assim como o rotulo, são marcas da fabrica registadas.



Sempre Dignos De Confiança Nos Piores Sitios Do Mundo

O bom serviço dum automóvel é da mais vital importância nos maus sitios e é nestes casos que os automóveis são mais apreciados. Estes carros manteem itinerários regulares nas sendas intransitáveis da Mesopotamia, no deserto de Bagdad e em milhares de outros sitios muito ásperos para automóveis menos rijos.

Há muitos automóveis Dodge Brothers que teem viajado mais de 320.000 quilómetros. Serviço de cento e sessenta mil quilómetros é feito vulgar. Da enorme quantidade de 1:600.000 automóveis Dodge Brothers fabricados nos ultimos 11 anos, há mais de 90 °/₀ ainda em serviço.

BERNARDINO CORRÊA, LTD.

LISBOA — 1, Avenida da Liberdade

PORTO — 21, Avenida dos Aliados

AUTOMOVEIS DODGE BROTHERS

JOAQUIM PINTO LEITE FILHO & C.ª — Banqueiros

CASA FUNDADA EM 1830

Fazem todas as operações bancárias

RUA DOS CLERIGOS, 1 A 7 PORTO

Grandes Armazens das Ilhas

E SABOARIA LISBONENSE

RUA DE S. BENTO, 114 A 130

TELEFONE: 801 T.

FABRICA DE MOBÍLIAS ALEMTEJANAS

Fábrica de Carpets e Stores de junco

Mobilias e outros artigos de verga

Tapetes, Passadeiras, Carpets e Capachos

Oficina de reparação e limpeza de artigos de verga

SABÃO e outros artigos para limpeza

Fabrica de sabão no SEIXAL

DESCONTOS PARA REVENDA

Edições da Biblioteca Nacional

Anais das Bibliotecas e Arquivos. Revista trimestral. 3 vols., 12 n.os Número avulso N.os 1 e 3 (Esgotados)..... 6$00

Guia de Portugal, 1.º vol, sob a direcção de Raul Proença..... 50$00

Antologia dos Economistas Portugueses. Seculo XVII. Obras em português. Selecção, prefácio e notas por António Sérgio..... 15$00

Bosquejo da historia de Portugal, por António Sérgio..... 2$00

Guia de Évora e seus arredores, sob a direcção de Raúl Proença..... 4$50

Tiragem especial..... 10$00

Bibliografia das bibliografias portuguesas, por António Anselmo..... 7$50

Dispersos, de Oliveira Martins. 2 vols., coordenado e prefaciado por António Sérgio..... 20$00

Tiragem especial..... 50$00

Recreação Periodica, pelo *Cavaleiro de Oliveira*. Pref. e trad. de Aquilino Ribeiro. 2 volumes..... 10$00

Tiragem especial..... 40$00

Marco Paulo. Reimpréssão da edição de *Valentim Fernandes*, por Esteves Pereira..... 8$00

Tiragem especial..... 18$00

Processo dos Távoras, publicado sob a direcção de Pedro de Azevedo..... 7$50

Catálogo ideográfico. Sub-rubricas gerais..... 1$20

Instruções relativas à aquisição de verbetes da Biblioteca Nacional (Esgotado)

Lusíadas. Edição fac-simile da 1.ª edição do poema, com aparato critico de José Maria Rodrigues..... 50$00

Tiragem especial (Esgotada).....

O papel como elemento de identificação, por Arnaldo Faria de Ataide e Melo..... 5$00

Os Codices Alcobacenses da Biblioteca Nacional, por António Anselmo..... 5$00

MATERIAL ESCOLAR

Fornecemos ao preço dos fabricantes tôda a qualidade de material escolar em grandes e pequenas quantidades, tais como: Estojos para desenho, réguas, quadros, esquadros, pedras, quadros em pedra, canetas, lápis, tinta, borrachas, etc., etc. Os pedidos dêste material para fora do Continente Português devem vir sempre acompanhados da respectiva importância.

Glôbos Geográficos — *Glôbo Celeste,* montado sôbre pé de bronze Escudos 170$00. *Glôbos Terrestres,* Idem, 0m,45 diâmetro, Esc. 230$00 — 0,m33 diâmetro, Esc. 170$00 — 0m,16 diâmetro, Esc. 45$00 — 0m,08 diâmetro, Esc. 20$00. *Glôbos Terrestres* (com meridiano), montados sôbre pé de bronze, 0m,33 diâmetro, Esc. 230$00.

Mapas Parietais — Das cinco partes do mundo, por *J. Monteiro*, em fôlhas de 1m,35 × 1m,10.

Europa — Africa — América do Norte — América do Sul — Oceania — Mapa Mundi.

Cada Mapa em fôlhas 15$00

Pedidos aos livreiros-editores AILLAUD, LIMITADA

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Férias no mar...

No mar... os dias correm cheios de alegria!
No mar... é suave a brisa e radioso o sol!
No mar... as distrações seguem-se ininterruptas!
No mar... tanto se aprecia a hora do banho!
No mar... as crianças divertem-se loucamente!
No mar... caaa instante é cheio de encantos!
No mar... as férias acabam tão depressa!

As férias acabam ; ficam as vossas fotografias "Kodak"

Em vês de vos encerrardes a escrever longas cartas aos vossos amigos, enviai-lhes fotografias "Kodak" que, melhor que a mais bela das descripções, lhes permitirão viver a vossa vida, absolutamente como se estivessem comvosco.

Férias sem "Kodak" esquecem depressa.

Não se esqueça ; alguns momentos bastam para aprender o manejo dum "Kodak".

Nas melhores casas de artigos fotográficos, encontrareis sempre um completo sortido de "Kodaks".

"Kodaks Vest Pocket Autog.", desde. 100 $. 00
"Kodaks Autográficos", desde ..... 265 $. 00
"Brownies Dobradiços Autog.", desde. 200 $. 00
"Brownies" de Caixa, desde..... 50 $. 00

Exija Pelicula "Kodak".

Evitareis muitas decepções, não confiando as vossas belas e preciosas recordações, senão á Pelicula "Kodak" - em embalagem amarela - a unica com que podereis sempre contar

Kodak Limited, 33, Rua Garrett, Lisbôa.

GYRALDOSE

Para os cuidados intimos da mulher

É apresantada sob a forma de pó ou de comprimidos, sendo um producto antiseptico, nada toxico, nem caustico descongestionante desodorisante a base de pyolysan, d'acido thymico de trioximethylena e de alumina sulfatada :
Toda a mulher cuidadosa na sua hygiéne emprega-a a de manhã e à noite.

O antiseptico que toda a mulher deve ter no seu toucador.

Communicado a Academia de Medecina 14 de Outubro 1913

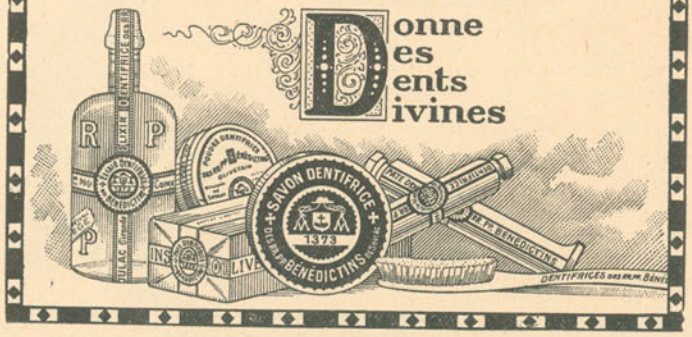
Établissements Chatelain
15 GRANDS PRIX
Fornecedores dos Hospitais de Paris, 3 *bis*, rue de Valenciennes,
PARIS

A GIRALDOSE dá graça saude e frescura

Sabão antiseptico de GYRALDOSE	Ovulos de GYRALDOSE
Indispensavel na toilette intima e nas doenças da pele e do couro cabeludo.	descongestionantes e antisepticos, preventivos e curativos das doenças da mulher.

A. VINCENT LDA – CONCESSIONARIOS PARA PORTUGAL E COLONIAS – RUA IVENS, 56 – TEL. 1858 C.

VOTRE DENTIFRICE
celui que vous pouvez choisir en toute confiance parce qu'il vous est vendu avec un numéro de garantie réelle et échangé sans discussion au cas de non convenance
LE SAVON DENTIFRICE des RR.PP. BÉNÉDICTINS de SOULAC
Donne Des Dents Divines



AS MEIAS de LINHO "PRINTEMPS" são de qualidade
GARANTIDA
Venda exclusiva
AU PRINTEMPS. R. Ivens 56 - LISBOA

UN JOUR VIENDRA

Perfume
Perturbante
Penetrante
ARYS 3, rue de la Paix PARIS

ROYAL WINDSOR
Restitue aos Cabellos a sua côr primitiva.
Á VENDA NAS PRINCIPAIS FARMACIAS E DROGARIAS

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
TIP. DA EMPRÊSA DO ANUÁRIO COMERCIAL
P. dos Restauradores, 24-Lisboa

ILUSTRAÇÃO

Propriedade e Edição:
AILLAUD, L.DA
R. Anchieta, 25 — Lisboa

DIRECTOR: JOÃO DA CUNHA DE EÇA

ANO I.º — NÚMERO 18 | PUBLICAÇÃO QUINZENAL | 16 DE SETEMBRO DE 1926

A CATÁSTROFE DO FAIAL, QUE ENLUTOU NÃO SÓ A BOA GENTE AÇOREANA COMO TODO O POVO PORTUGUÊS

Três aspectos das derrocadas que o abalo de terra do dia 31 de Agosto último causou: O estado em que ficaram as moradias duma das principais artérias da cidade da Horta — Um acampamento dos sem-lar, improvizado num dos largos da cidade-mártir — *Ao centro:* Uma casa que experimentou duramente a fúria do terremoto e que ainda conserva, por prodigio de equilibrio, as paredes de pé

(Clichés feitos expressamente para a *Ilustração* pelo nosso enviado especial.)

CRÓNICA DA QUINZENA

Mais resistente que a ditadura militar de Pangalos, na Grécia, a ditadura militar de Primo de Rivera, na Espanha, aguentou o embate da Artilharia, como um vagalhão que se quebra numa rocha da beira mar.

O regime de censura a que está sugeita, no País vizinho, a imprensa noticiosa, faz com que a respeito dêste *pronunciamento* tenhamos apenas insuficientes, vagas informações, tanto no que diz respeito às suas causas, como também no que diz respeito à sua eclosão e desenvolvimento.

Parece fora de dúvida que tôda a Artilharia entrava na conjura, com excepção da que se encontra ainda em Marrocos, e que bem pode considerar-se como fôrça em campanha, sujeita a preceitos disciplinares muito severos, e a imperativos de ordem moral verdadeiramente categóricos.

Mal se compreende que a Artilharia, a maior fôrça do Exército, se não assegurasse do apoio das outras armas, não procurasse ligar à sua causa a Armada, a Aviação, não só no propósito de garantir o melhor possível o êxito da sua *intentona*, mas ainda com o intuito altamente humanitário de evitar uma luta fratricida, pondo em frente do Ditador uma fôrça tal que seria loucura não a acatar desde a primeira hora.

Porque triunfou, Primo de Rivera, há três anos, quando intimou o Rei a demitir o govêrno formado segundo os preceitos da Constituição, para o substituir por um outro, formado segundo os mandamentos da Caserna?

Porque se assegurara do apoio da grande maioria da fôrça armada, tendo-se dito então, discretamente, veladamente, que para o Rei Afonso não fôra desagradável surprêsa o *pronunciamento* de Barcelona.

A verdade é que a Artilharia espanhola, decidindo-se outro dia a arcar com o Ditador, mal avançou um passo fora dos Quartéis e dos Parques, sentiu-se pregada à terra, como se uma voz do alto, miraculosamente, lhe encravasse as peças.

Há uma cousa a que se chama, em linguagem de profissionais, a *mecânica do mando* e ela explica, em muitos casos, actos que seriam classificados de covardia ou traição, mais freqüentemente de covardia, não se tendo em conta êste factor psicológico.

Não é lícito ao militar discutir as ordens que recebe; quando muito é-lhe permitido fazer a respeito delas uma observação respeitosa, que pode não ser ouvida por quem lhas deu, e que o não dispensa, em todo o caso, de as cumprir.

É evidente que não pretendemos constatar uma analogia desairosa para a classe militar.

Sem a *mecânica do mando*, a qual supõe ou exige por banda dos chefes responsáveis muita autoridade, muita energia, uma decisão firme e pronta, nem Fernão de Mágalhães teria realizado a sua façanha gloriosa, nem Vasco da Gama teria chegado à Índia, porque o teria morto a guarnição dos navios que comandava.

Certo é que a artilheria espanhola, tendo planeado um movimento insurrecional que pusesse têrmo à ditadura de Rivera, quási nem deu começo de execução ao seu plano, reentrando na forma, isto é, na obediência, apenas de Madrid lhe deram a voz de *sentido!*, mais forte, por ser mais *autorizada*, que a voz de *marche!*, que a pusera fora dos quarteis.

É curioso notar que, durando a ditadura de Primo de Rivera, há bons três anos, só agora, já anunciada uma consulta que êle pretende fazer à nação, sob a forma de plebiscito, é que o exército ensaia um protesto ruidoso, que todavia não foi além do ruido que fazem as viaturas quando não se movem sôbre areia.

Pensaram os artilheiros espanhois em impedir o plebescito, no justificado receio de que Primo de Rivera, forte do aplauso bem expresso da Nação, se atarrache ao Poder *per omnia secula seclorum?*

Bem desejávamos atribuir ao recente *pronunciamento* hespanhol um motivo nobre e desinteressado, um intuito patriótico sem a mínima subordinação a interêsses corporativos ou de classe.

Mas não; tudo faz crer que foi, na realidade, a providência governativa sôbre promoções que determinou os artilheiros espanhois a um acto grave de indisciplina, deixando ficar tudo como estava, o pronunciamento valendo apenas como um aviso, sendo apenas indicador de certo estado de alma em grande parte da família militar.

E pois que se acham presos os insurrectos, metidos numa Penitenciária improvisada, tudo decorrendo nos quartéis conforme mandam os respectivos regulamentos, Primo de Rivera fará o seu plebiscito, e conforme o que lhe disserem as urnas, assim regulará o seu procedimento, forte sempre da confiança do Monarca.

Pois se a Espanha, o povo espanhol, de há três anos a esta parte, ainda não deu mostras de estar descontente com a ditadura, ainda não manifestou, de qualquer forma, desejos de voltar ao *statu quo ante*, reintegrada a politicagem nas situações de que a desapossou o Ditador, que necessidade há de incomodar o Sufrágio, já quási esquecido da utilidade das urnas? Não vá dar-se o caso duma abstenção eleitoral que signifique, sem a menor sombra de dúvida, o repúdio da obra realizada por Primo de Rivera, e mais ainda do que o repúdio da obra realizada, o repúdio dos seus princípios e das suas práticas governativas, as mulheres terão voto na proxima eleição plebiscitária, e com êsse voto conta êle pela certa.

É bem possível que o *truc* do plebiscito resulte da necessidade que sente o Rei de alijar para cima do País as responsabilidades que lhe pesam sôbre os ombros pelo facto de se manter fora da Constituïção, entregue à vontade discricionária dum Ditador, nem sequer usufruindo as vantagens dum monarca absoluto. Também é possível que Rivera queira o plebiscito, um plebiscito *ad usum Delphini*, para ter a fôrça bastante e a autoridade necessária, necessária e suficiente, para dizer ao Rei que a vontade da Nação é êle que a representa, êle o Ditador, e que lhe será tão fácil pôr de banda o trono como pôs de banda a Constituïção, o regime político da Espanha sendo o que êle quiser que seja.

Um plebiscito!

Estamos a recordar, sem esfôrço, a história da República de 48, em França, desde os primeiros factos que tornaram possível a sua implantação até aos importantes sucessos que tornaram inevitável a sua queda.

Uma eleição reaccionária dera a Luís Bonaparte a presidência da República, por uma maioria de seis milhões de votos. Perante a assembleia legislativa tomou êle o compromisso de honra de considerar como inimigo da pátria todo o que pretendesse alterar o que a França havia estabelecido.

Pouco depois, em 2 de Dezembro, o degradado personagem que herdou um nome lendário, o maior da França épica, àparte o ciclo de Rolando, tirava das sargetas de Paris um trono para o deixar caír, em 70, nas lamas de Sédan.

BRITO CAMACHO.

Esta crónica foi visada pela comissão de censura

* * *

JOÃO VAZ, PINTOR DE MARINHAS

Nenhum titulo caberá melhor ao artista de cujo pincel saiu o primoroso quadro reproduzido na tricromia do presente número. Ainda que o seu talento tenha excursionado freqüentemente por outros distritos da arte pictural, desde o da paisagem campestre ao dos trabalhos decorativos, tais como os que executou, de parçaria com Ramalho, no Teatro Garcia de Rezende, em Évora, — onde a sua mestria decisivamente se impõe é nos painéis de assunto marítimo, nos trechos fluviais ou oceânicos, em frente de uma nesga de água azul e translúcida, de um céu diáfano e côr de turqueza, de uma fase curiosa de pesca, do balançar donairoso duma barcaça sôbre as ondas reverberantes, de um retalho de areia fulva que o sol acarinha, ou de um penedo de configuração estranha em que a espuma das vagas penha uma fimbria de rendas lácteas. Ainda há dias um redactor da *Ilustração*, de visita ao Algarve, foi surpreender o velho e ilustre pintor na bela e scenográfica Praia da Rocha contemplando embevecidamente o mar, o mar seu amigo de sempre, o mar que se converteu na maior paixão da sua paleta de tintas delicadas e frescas.

Nascido em Setúbal, em 1852, estudou primeiro com o pintor Anunciação, sendo em seguida discípulo do grande Silva Porto. Depois, findo o curso, fez uma viagem de estudo a Madrid e Paris. Do núcleo fundador do célebre Grupo do Leão, de tão forte influência na renovação do nosso movimento artistico moderno, logo no principio da sua carreira os motivos da beira-d'água adquiriram hegemonia na sua produção: a *Benção da rêde*, os *Barcos no Sado*, *Pesca das lulas*, *Barracas de pescadores*, *Margens do Tejo*, *As gaivotas*, *Baia de Lagos* e tantos outros a juntar a estas citações de acaso.

Em todos êsses trabalhos evidenciam-se fina observação e sentimento exacto do colorido.

* * *

REIMPRESSÃO DOS NUMEROS 1 a 6

Os nossos serviços administrativos participam que êstes números, há muitos exgotados, não obstante a enorme tiragem que logo de entrada atingiram, estão a ser reimpressos, satisfazendo dêste modo o desêjo expresso por milhares de leitores, do continente, colónias e ilhas, Brasil e vários países estrangeiros, que se viam impossibilitados de completar as suas colecções e de estabelecer assinaturas desde o inicio da nossa publicação.

Também as capas para encadernar a revista se encontram já em fabrico, devendo dentro em breve ser postas á venda.

ACTUALIDADES

LISBOA

O sr. dr. Bettencourt Rodrigues, ilustre Ministro dos Negócios Estrangeiros, no momento da sua partida para Genebra, aonde vai assistir á sétima assembléa plenária da Sociedade das Nações, como chefe da Delegação Portuguesa. Rodeiam-no os srs. Núncio Apostólico, Ministro de Espanha, representantes do Brasil, Inglaterra, França e Alemanha, Chefe do Govêrno e mais pessoas de categoria oficial e da sua amizade

No acto da partida do sr. Vicente Ferreira, novo Alto Comissário de Angola: grupo em que, além dêle e pessoas da sua familia, figuram os ministros e mais individualidades que foram a bordo desejar-lhe feliz viagem e bem assim o mais completo êxito no exercicio do espinhoso cargo que lhe foi cometido

(Clichés Serra Ribeiro.)

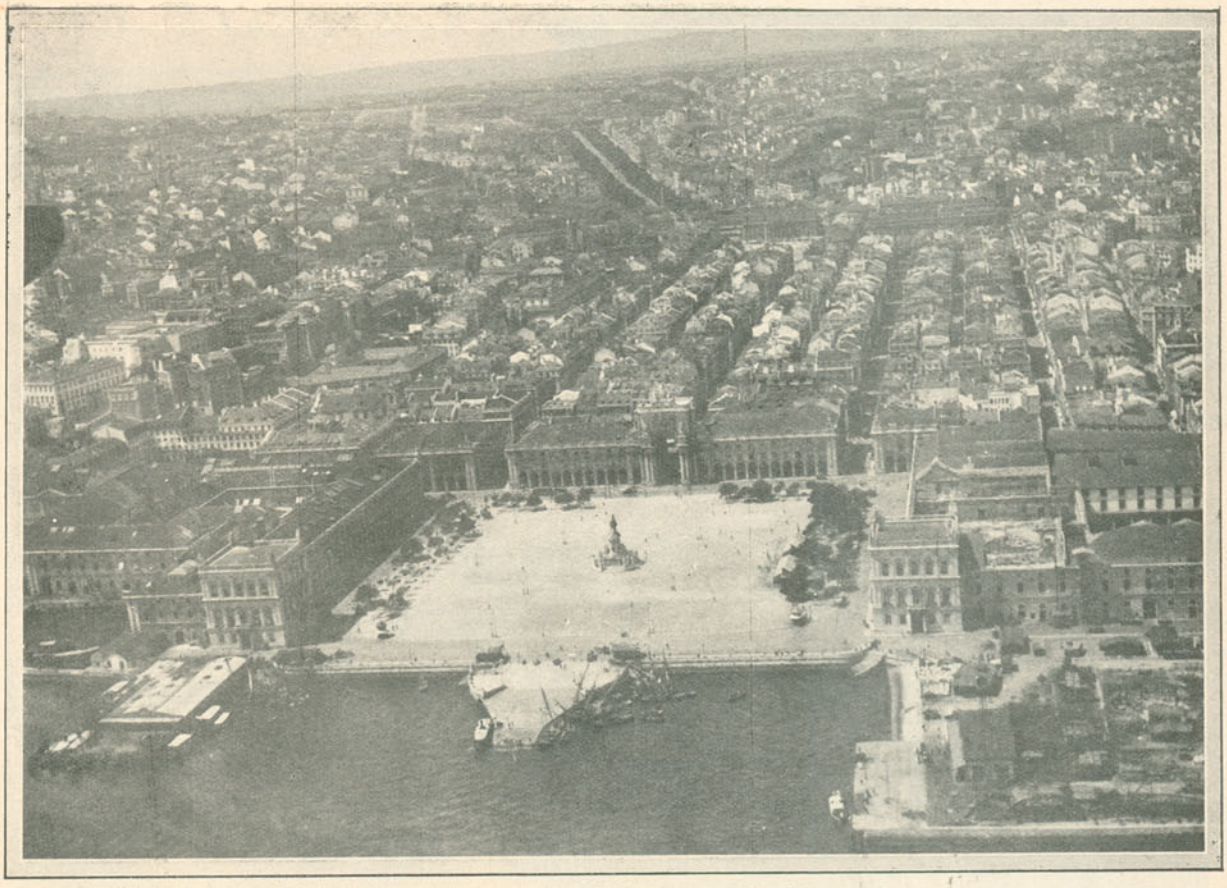
O sr. comandante Filomeno da Câmara, antigo ministro das Finanças, no meio dos muitos amigos que dêle se foram despedir, por ocasião da sua partida para Angola

Na sessão de homenagem ao sr. tenente-coronel Ferreira do Amaral, promovida por «O Século» e para a qual recebemos da direcção daquele diário um amabilíssimo convite: a imposição da *Medalha da Cidade* pelo presidente da Municipalidade de Lisboa

A Comissão representativa dos interêsses algarvios que veio a Lisboa expôr ao Govêrno as inadiáveis medidas de que a sua provincia, ainda há poucos anos tão próspera, necessita para se libertar da atmosfera de crise em que actualmente asfixia

Vista geral do porto e da cidade da Horta, capital da ilha do Faial, que um pavoroso terremoto deixou agora coberta de ruinas e de miséria

(Clichés Serra Ribeiro.

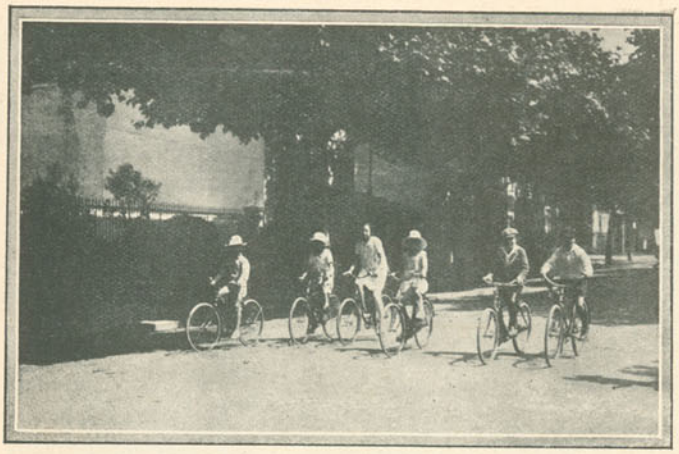


Parte da capital vista dum avião pairando a 200 metros de altura. Ao incola da cidade, que raras vezes, ao deambular cá por baixo, encontra motivo para lhe reconhecer sombra de pompa ou donaire, êste inédito aspecto dela fatalmente o deixará colhido de surprêsa e curiosidade. E que Lisboa, afinal, é uma cidade formosa e ampla, irregular no traçado de ruas e praças, mas, talvez por isso mesmo, cheia de pitoresco. Não lhe recuses, pois, o teu amor, lisboeta amigo, — sobretudo, quando, ao contemplá-la de bem alto, puderes esquecer a sua falta de água, as suas nuvens de poeira e os desleixos quejandos, com que aqueles que a tutelam e teem por estrita obrigação alindá-la, não fazem mais do que comprometer a sua autêntica beleza

A cerimónia da atribuição do grau de Cavaleiro da Ordem de Cristo ao capitão Barradez, pelos relevantes serviços prestados por êste distinto oficial francês no seu cargo de instrutor da nossa Escola Militar de aerosteiros, em Alverca: o sr. general Carmona impondo as insignias do galardão concedido

O «Laté 17», pertencente ás Linhas Aéreas Latécoère, que pretendem estabelecer uma rêde de comunicação, para tráfego comercial, postal e de passageiros, entre a França, a Espanha, Portugal e o norte de Africa. Por amável convite da firma Oliver L.da que representa aquela companhia entre nós, êste aparêlho tem efectuado diversos vôos sôbre Lisboa e arredores, levando a bordo ministros, jornalistas, diplomatas, oficiais da nossa aviação e também algumas senhoras, a quem o transporte por via aérea já não entusiasma menos do que ao sexo forte

(Clichés Serra Ribeiro.)



Exercícios velocipédicos da infância elegante da Foz, dos quais, como se vê, não se excluem as meninas

ACTUALIDADES

PORTO

Fotografia tirada durante o banquete promovido pela colónia espanhola e realizado no Restaurante Comercial, em honra do seu antigo cônsul nesta cidade, D. Ramon Abella, que recentemente foi promovido ao consulado de Constantinopla

O sr. general Carmona e a sua comitiva saindo do Hospital Militar, aonde foram de visita ao sr. Ministro do Interior, dr. Ribeiro Castanho, ali em tratamento das graves lesões sofridas no desastre de automóvel que o vitimou há tempos

Alguns membros da colónia francesa a bordo da canhoneira Ancre, da sua nacionalidade, que há dias esteve ancorada no rio Douro. No grupo vêem-se o comandante do navio e o cônsul da França

AS NOSSAS PRAIAS — FIGUEIRA DA FOZ

A diferença que há entre certas mulheres picadinhas de génio e as que são umas verdadeiras paz-d'alma, tôdas mansidão e doçura, é pouco mais ou menos a que existe entre o mar da Figueira e o mar da maioria das outras praias portuguesas: aqui os banhistas têm de haver-se com a arrebentação da vaga

Bravo, seu maroto! Isso é o que se chama um ataque em forma...

Enquanto as mamãs conversam, elas, andorinhas de coração juvenil, alheiam-se do bulício da praia e entranham-se em mútuas confidências, que giram em volta do amor... e de uma barraca de banhos

Um concílio de beldades

Fora com os antipáticos albornozes e capindós roçagantes com que as mulheres de antanho se banhavam! Liberdade! liberdade!

(Cl. A. Garcez.)

Um par de *nuestros hermanos*, que a brisa matinal dispôs excelentemente

A hora sensacional do banho, em que a gente fica sabendo quais são os medrosos e quais são os valentes

Um pequerrucho que não está pelos ajustes de começar tão cedo a ser herói do mar

Um pequeno parlamento, cuja fatal *ordem do dia* é a questão das modas — ou qualquer escandalozito, sem o qual uma praia não é praia

Flanando pela areia, satisfeitas, sorridentes, talvez a rememorarem umas frases de galanteio ouvidas na noite anterior no Casino

...e eis que avança um femíneo e aguerrido batalhão, capaz de fazer frente a um exército de Cupidos (Cl. A. Garcez.)

ESTORIS

Preparando o resgate físico da raça: diversas modalidades do desporto do remo, em que se enrijam os músculos e se adquire presteza de movimentos

À sombra dos toldos, num á-vontade delicioso, sem pragmática, mas de que não foram excluídos — isso, nunca! — os requintes da moda

Abrindo o apetite para o banho e deixando que na teia dourada do sol se emaranhem também os fios subtilíssimos do *flirt*

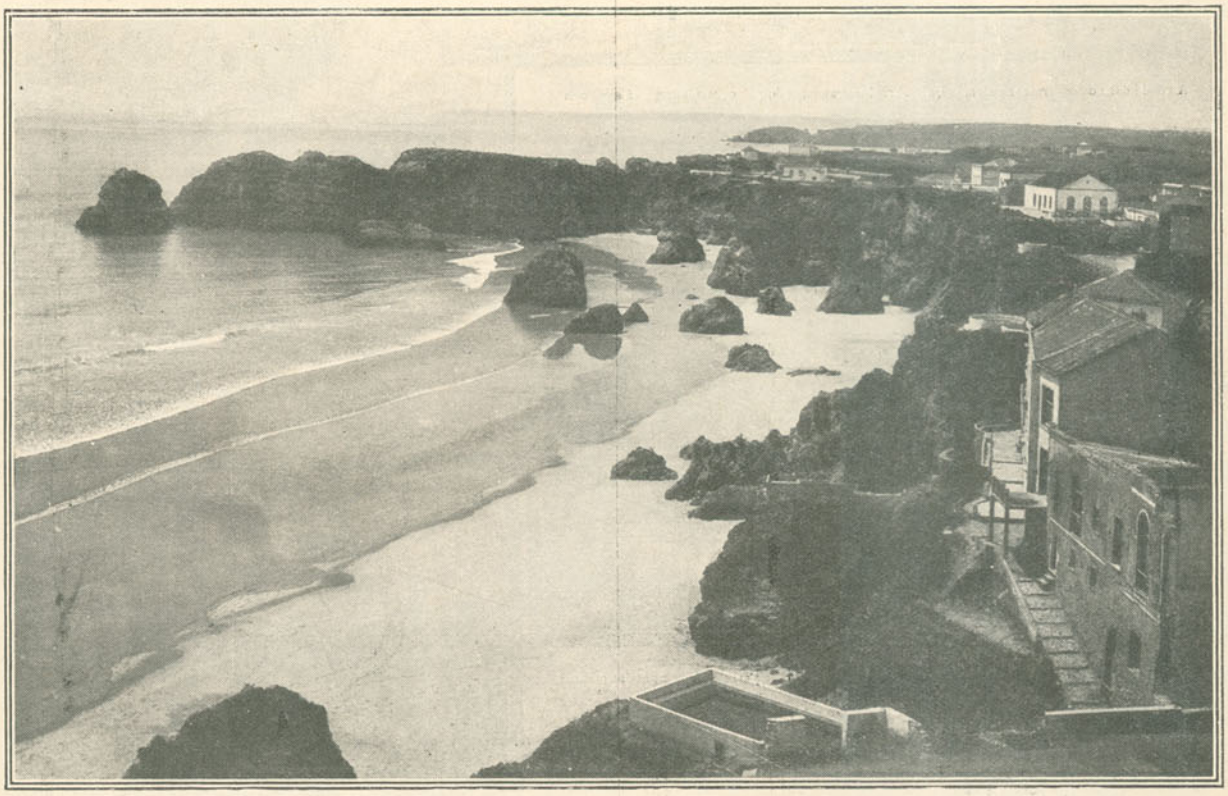
O vai-vem dos devotos, á hora da missa: elas, na sua maioria, com o pensamento em Deus; êles, na sua totalidade, com o pensamento nelas

Donas e donzelas, saindo da igreja do antigo convento de Santo António: airosas, ligeiras, tudo na sua atitude nos convence de que a religião não é incompatível com a alegria de viver

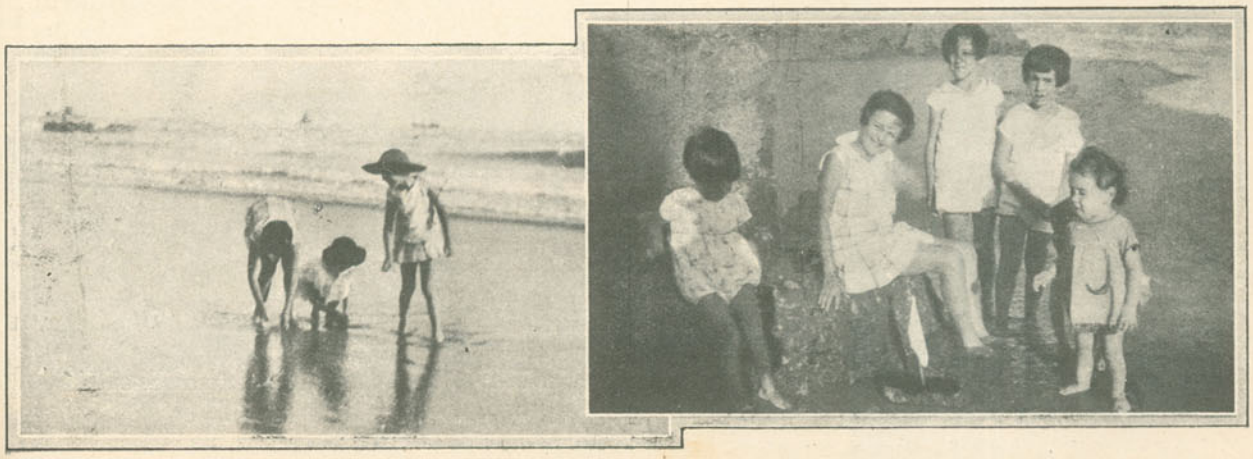
PRAIA DA ROCHA

A nata da colónia balnear dêste ano, em que predomina a gente da própria província

Escritores que Deus fez... e o oceano acasalou: êle escreveu o *Mar Alto*; ela é autora dos *Náufragos*



Trecho da pitoresca praia algarvia, que, sendo uma esplêndida estância de estio, não o é menos na época invernal, pela privilegiada doçura do seu clima



Os pequeninos reis da praia, seus arejados Paços da Alegria

SCENAS DE DEAUVILLE, PRAIA FRANCESA DE CONCORRÊNCIA COSMOPOLITA

A ronda das novas sereias: as Irmãs Dolly, graciosas artistas do palco, dando largas á sua folia

Nunca ninguém dançou *fox-trot* mais refrigerante!

Um cão de sorte invejável: a dona, gentil e destra remadora, leva-o de passeio sôbre as ondas mansas

A petizada passeando de burro e em carros minúsculos á borda do mar

Á hora do banho: os que, intrépidos, imergem no seio das águas... e os que, indiscretos, não se fartam de mirar

JOÃO VAZ — Marinha

MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA

TERMAS DE PORTUGAL

Caldas de Molêdo. — Grupo de termistas hospedados no Grande-Hotel

Grupo de médicos e pessoas de suas famílias que visitaram as Pedras Salgadas e Vidago, na 2.ª missão de estudo promovida pela Associação Médica Lusitana: fotografia tirada no Hotel Palace de Vidago

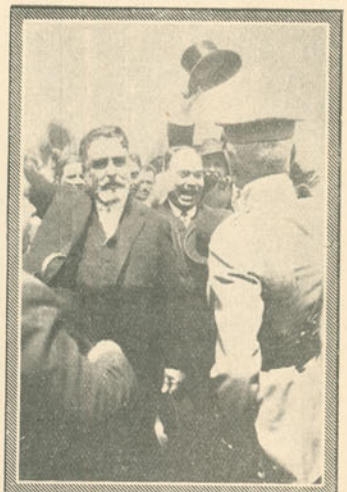
S. Vicente de Entre-os-Rios. — Grupo de hóspedes do Grande-Hotel da Várzea

PORTUGAL D'AQUEM E D'ALEM-MAR

FACTOS E FIGURAS

BRAGANÇA — Grupo de senhoras e cavalheiros da sua primeira sociedade que promoveram e interpretaram papéis na interessante récita de gala ali realizada em homenagem à sr.ª D. Adelaide de Magalhães Quintanilha e aos srs. Padre José de Castro e Adriano de Jesus Vaz Carneiro, a cuja benemerência deve aquela cidade o êxito da avultada subscrição aberta no Rio de Janeiro a favor da sua misericórdia

(Cliché do sr. alferes Serafim C. Pimenta)



NA COMEMORAÇÃO OFICIAL DA BATALHA DE OURIQUE — O sr. presidente da Comissão Administrativa do Cartaxo apresentando os seus cumprimentos ao sr. presidente do Ministério

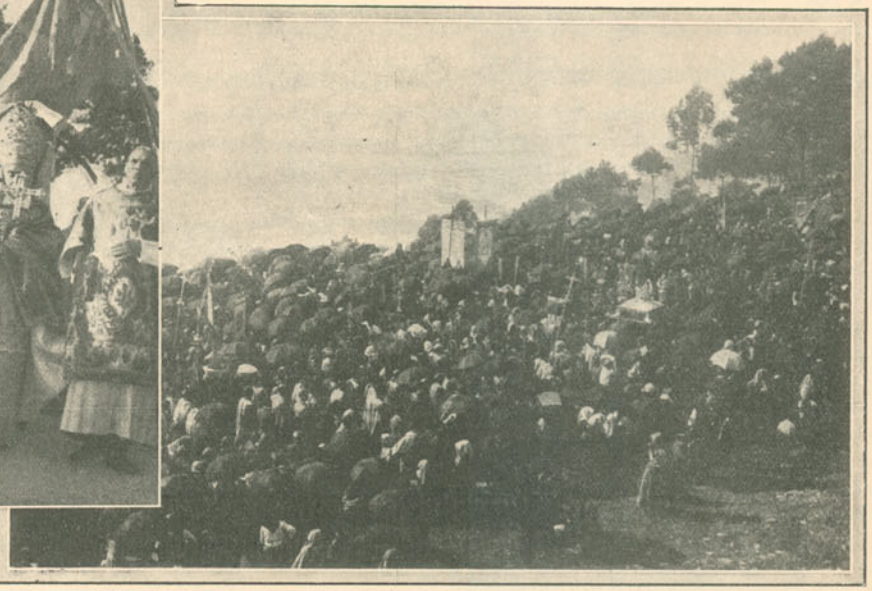
O sr. general Carmona visitando o local onde, segundo a tradição, se feriu o combate entre as hostes da moirama e as de D. Afonso Henriques

RIO-MAIOR — Aspectos das festas que, a favor da sua Misericórdia, decorreram com muito brilho na progressiva vila estremadurense: as barracas que, no respectivo concurso, obtiveram os 1.º e 2.º prémios

ROMARIAS DE PORTUGAL

SENHORA DA AGONIA, EM VIANA DO CASTELO

O Rev.mo Bispo de Braga na procissão



Aspecto da peregrinação ao Monte de Santa Luzia

Certame de trajos regionais: as quatro lavradeiras premiadas

Aguardando a passagem da procissão

Uma figura tipica da parada agricola

A alegria da petizada: *gigantes e cabeçudos*

A venda de água fresca aos sequiosos

ROMAGEM AO MAR

CHEGARA aos alcantis da Serra a fama dos banhos milagrosos da Rainha Santa. Todos os anos, na noite de três de julho, caravanas de gente sofredôra costumam demandar as ondas do Oceano, nas praias do Algarve.

Esse banho noturno é considerado santo por se realizar sob a benção piedosa da Rainha Isabel. Moléstias, aleijões, grandes sofrimentos morais, tudo a água salgada do mar dilui numa imersão devota, e, scismando nisso, os sonhos do rebanho humano sobem pela voluta dos céus, a conversar com as estrêlas...

Nomeada tão prodigiosa ràpidamente se estendeu pelas alturas dos montes e pelo coração dos vales, ainda mais exaltada e mais querida do que a dos tradicionalíssimos banhos do S. João. E em cada casal humilde uma fé gloriosa se acendeu pela redenção dos males, como se a voz dum Cristo viesse bafejar o mundo e prègar essa grande, essa inatingível igualdade, — a Igualdade da Saúde.

Doentinhos melhoravam só de se cuidarem bons. Sequiosos da vida viril e vitoriosa, aspiravam já a largos haustos o ar, que seria a seiva explêndida dos seus desfeitos pulmões.

A esperança electrizante dum mundo melhor, em que o ser rico e poderoso não mostraria pecado, no qual o pecado consistiria apenas em não crer nos milagres duma suave portuguêsa, espalhava-se pela face da terra num grande abraço de piedade, — bálsamo dulcificante de dúvidas agrestes e de dôres.

De bôca em bôca corria assim a bôa nova, até que o acaso a trouxe a um céguinho de *gota serena* cuja cegueira de olhos límpidos era o espanto de tôda a visinhança.

Uma alma nova lhe entrou no corpo ressequido:

— Maria! disse para a filha, uma orfãsinha de dez anos. De hoje a um mês botamo-nos até o mar! Talvez a Rainha Santa tenha compaixão de mim...

— Sim, meu pai! retorquiu-lhe a pequenina. Vou rezar tôdas as noites a Nossa Senhora para que o paisinho cobre a vista, para que o paisinho veja a nossa casa arranjadinha por mim, para que o paisinho me possa ver...

Com que ternura a pobre pequena, tôdas as noites, ao deitar, ajoelhava diante duma imagem da Virgem trespassada pelas sete setas, e, chorando, se punha a murmurar:

— Salvé, Rainha, faz o milagre! Nós somos póbresinhos, mas bons... Minha mãe morreu-me, era eu pequenina! Hoje só tenho pai!...

Salvé, Rainha, meu pai é céguinho... Meu pai é céguinho, não pode ver os meus olhos tristes quando estou por êle a chorar!

... Cheia de graça... O Senhor é convosco. . Porque é que o Fagulha, um ladrão, um matador, um ruim, é forte como uma tôrre, tem olhos de zorro, que espreitam de noite, e o meu paisinho, que não faz mal a ninguém, e me tem a mim, que sou pequenina, não logra a luz dos seus olhos para me dirigir e amparar?

Salvé, Rainha, cheia de graça, Santa Isabel que faça o milagre, e eu prometo ferir os meus joelhos pequeninos nas pedras das calçadas, beijar as lágeas tôdas da igreja, oferecer-lhe, inteira, a minha vida!...

E o tempo corria célere.

— Como seria o mundo? preguntava a si mesmo o céguinho nas longas horas em que se ficava, como uma escultura de dor, a sonhar. Tanta coisa que havia para ver! Ter vista, era ter alegria, era ter diante dos olhos a festa da natureza!

Punha-se então a imaginar o que seria o véu da cegueira a romper-se: imaginava qualquer coisa como um esbrazeamento, um clarão estridente, — e em seguida a terra diante de si cantando hossanas de Ressurreição...

Desde a ante-vêspera da abalada que não dormiam, absortos no grande sonho. Na vêspera, pela manhã, êle tomou o varapau e o bornal, e dando a mão à pequenita, puzeram-se a caminho.

— Como era longe o mar!

Mas a fé insuflava-lhes energias, e, tropeando pelas estradas longas, arrastando-se pelas azinhagas lôbregas, já de jornada com outros peregrinos, lá iam na grande romagem ao Oceano.

Quando chegaram à praia deserta, anoitecia.

Mais romeiros surgiam no areal, e, dentro em pouco, magotes compactos estiravam-se ao acaso, repousando, e aguardando que a noite fôsse em meio, que a noite atingisse a hora sagrada do ritual.

O mar estava sereno, sob o crepúsculo côr de cinza. Abafava-se. O calor era sufocante debaixo da tampa das nuvens esbranquiçadas que velavam a luz da lua. As nuvens não corriam. A viração era nula. Mas as ondas, pouco a pouco, foram aumentando o seu mugido e fazendo crescer no peito de aço do mar vagalhões de tinta negra, cuja crista escorria franjões de prata líquida.

Não era uma tempestade que se desencadeava: era um mar batido, de refluxos traiçoeiros. Ao alto, sempre a mesma claridade dúbia.

O camponês tem mêdo ao mar: e conjuntamente com o mêdo tem-lhe veneração, tem-lhe respeito. Só uma fé inquebrantável o pode levar em plena noite e arriscar-se ao abraço das ondas. Todavia, muitos peregrinos, impressionados pelo espectáculo magestoso, se abstiveram do seu banho. É que a coragem era inferior à fé!

Com as mãos em concha tomavam a água que se espraiava pela areia e enchia covas propositadamente feitas, e com ela lavavam as partes doentes do corpo.

Alguns entoavam o *Miserere* em voz alta, numa exaustiva melopeia.

— Pai, há muita gente que se não vai banhar! O mar mete mêdo, meu pai!

— Anda, vamos nós, que de tão longe chegámos! Santa Isabel há-de tomar a nossa fé como de mais valia! Se há perigo, a Santa que me pode curar, não me deixará morrer...

— Pai, a água está tão fria! Não largue a minha mão, pai! Salvé, Rainha, Mãe de Misericórdia... Eu prometo beijar tôdas as lágeas da igreja, ensanguentar nas pedras os meus joelhos, dar em troca da vista do meu pai, a minha própria vida!

O Fagulha é ladrão e matador, — e tem olhos que vêem longe, e tem saúde! Meu pai é céguinho, — e não faz mal a ninguém...

Rainha Santa, pede-te uma orfãzinha: faze o milagre!

— Filha, agarra-te bem à minha mão! Olha que eu sou céguinho...

— Ui, que onda tão grande! Fiquei a escorrer... O melhor é não sairmos aqui da areia, mesmo aqui nos molhamos... Pai! Segure-me bem que eu tenho mêdo do mar!

Salvé, Rainha, cheia de graça...

— Filha! Filha! O que foi? Deixaste-me? Vem para aqui, que eu sou céguinho, e Santa Isabel vai-me sarar! Que grandes ondas! Já bebo água... Olha que eu não me posso segurar... Filha! Filha! Meu Deus...

Mas a pequena, envolvida numa onda torva, esbracejava, perdida de pavor, a gritar.

O céguinho, aflito, desamparado, não sabia para que lado volver. De terra, gente gritava-lhe, sem se atrever a acudir.

— Padre nosso, que estais nos céus... Filha! Filha! Que eu morro!... Santificado seja o vosso nome... Socorro! Socorro! Quem me acode!

E um vagalhão espumante enguliu-o na sua imensa caverna escura.

A multidão da praia, composta por campónios bisonhos e medrosos, horrorisada da tragédia, formara uma compacta massa negra.

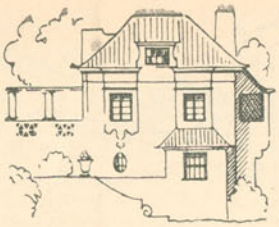
Dum grupo, ao longe, saía um fúnebre *Miserere*.

As vagas espumavam e troavam como bôcas enraivecidas, e a claridade fôsca do céu dera ao Oceano a tonalidade dum pélago de mercúrio.

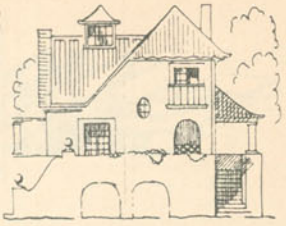
A voz do cego ainda se ouviu uma vez mais num grito desesperado, mas as ondas chegavam em pós das ondas, e dentro em pouco, na praia, ao mugido feroz do mar, sedento de vidas e naufrágios, só correspondiam as lamentações do bando de peregrinos.

Entretanto, uma nesga do céu desanuviava-se, e por essa nesga a abóbada despenhava luar, — decerto o caminho celeste que Santa Isabel abria para aquelas duas almas que tão sentidamente procuravam avivar seu culto e elevar sua grandeza...

JOSÉ DIAS SANCHO.

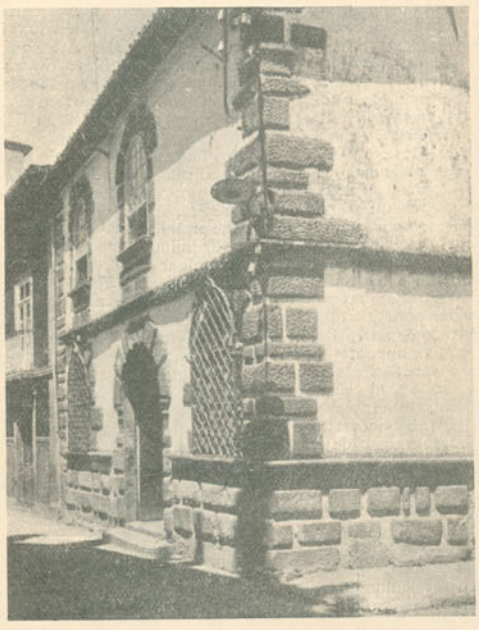


A CASA PORTUGUESA



ARQUITECTÓNICAS BRACARENSES

CIDADE DE PORTUGAL, DAS MAIS RICAS EM ARQUITECTURA DE TÔDAS AS ÉPOCAS, FORNECE-NOS BRAGA EXEMPLOS DE CONSTRUÇÃO DE VARIADÍSSIMO TIPO — DESDE A MODESTA CASA TÔDA PROTEGIDA POR RÓTULAS QUE FORMAM COMO QUE ENORME ADUFA, ATÉ O ANTIGO PALÁCIO ARQUIEPISCOPAL DE QUE AQUI VEMOS O MAGESTOSO TRÔÇO MÉDIO EM RUINAS. OUTROS EXEMPLARES CURIOSOS SÃO O PALÁCIO ONDE ACTUALMENTE ESTÁ INSTALADA A CAMARA MUNICIPAL, DUM ESTILO BARROCO EXUBERANTE E A ANTIGA CASA DA RODA — CONSTRUÇÃO QUINHENTISTA MUITO PITORESCA, COM SEU AR FIORENTINO



Livros e Escritores

A maneira literária de Raul Brandão, pessoalíssima, arbitrária mesmo, reflecte um temperamento doentio, monocórdio, duma sensibilidade vibrátil até ao excesso, inteiramente unilateral e tipicamente curiosa... Dificilmente se encontrará em a nossa literatura um escritor que a êste se possa comparar pois que, a idiosincrasia do autor de *O Palhaço*, é qualquer coisa de bastante especial. Raul Brandão, persistindo em olhar a vida apenas num dos seus aspectos e confinando-se num pessimismo doloroso que vai desde os tons grìseos até ao acarvoado das grandes sombras, constitui um *caso* literário. O seu vocabulário pobríssimo consegue por vezes o tom goyesco e de aflitiva tragédia que muitos dos seus irmãos de ideas entre nós jàmais lograram, tendo aliás ao seu dispor um copioso léxico. Para mais, Raul Brandão, cuja anormalidade visual no campo literário o leva a só considerar na existência aquilo que ela possua de mais triste e desconsolador e a teimosamente pôr de parte o exame sereno, o necessário e equitativo balanço dos vários aspectos do nosso exílio, Raul Brandão está longe dos sarcasmos, das imprecações furibundas, ou do resignado desespêro — permita-se-nos o paradoxo — com que os grandes pessimistas costumam saüdar a vida. Através das páginas da obra dêste autor vislumbra-se muito mais que o tédio da vida, uma grande uma extraordinária saüdade de vida... Raul Brandão afirma algures ter acordado um dia com êste doloroso grito: «eu não soube viver! eu não soube viver!». Creio ter sido êsse o grito mais dolorosamente sincero de tôda a sua vida, certamente cortada por dôres e desventuras — as desventuras e dôres cabidas em sorte a quantos adregam de surgir neste planeta. Se à grande saüdade que com êle vive de tudo quanto viu e sofreu, ajuntarmos a falta dum ideal superior que jorre luz sôbre a noite do seu sonho negro, e o doentio astigmatismo que herdou do século findo, compreenderemos a razão da sua obra, tão pessoal a dentro do seu pessimismo. É possível que êste escritor se aferre com delícia ao pessimismo de que faz larga exibição... E isto porque, na frase dum grande escritor, tal concepção da vida, desindividualizando o sofrimento o alarga até o tornar lei geral da existência: é mais um modo que o escritor possui de ir tirando da vida os fantasmas, as larvas mais amadas dum teimoso sonho... Raul Brandão, às vezes, dá-me a impressão duma criança que teimosamente repita, sem a perceber contudo, uma frase que lhe proïbiram: se o faz é mais por birra do que por iniludível convicção; outras vezes põe-se a examinar obstinadamente a boneca aonde mãos hábeis e sabedoras puseram maravilhas de maquinaria e quer saber porque é que ela diz papá e mamã... O resultado é, estripada, perder todo o seu sentido: aquilo, que, até ali, no conjunto, reflectia beleza e sabedoria, não passa de vis despojos, cousas sem sentido, seccionadas, arrancadas a um quadro de harmonia e revestindo agora assomos de tragédia, tristeza e tédio...

É o caso vulgar de Raul Brandão. Isolando na vida apenas os aspectos torturantes, desprezando a visão do conjunto, e querendo — mal em que foram cair tantos escritores do século passado! — formar uma outra vida, achou-se apenas com um punhado de areia nas mãos, a cabeça entontecida pelo sonho, e uma grande saüdade, uma enorme e irremediável saüdade por não ter sabido aproveitar o dom divino que recebera... É isso que transparece em todos os seus livros... e mais do que em nenhum outro, nesta *Morte do Palhaço*, um quási romance cujas personagens são a bem dizer os fantasmas rousseauistas com as quais o autor conviveu a dentro das paredes do crâneo. Não as procurem na vida real porque, por forma alguma as encontrarão lá, tal e qual no-las apresenta Raul Brandão. As personagens do *O Palhaço* — como de resto as das outras obras do autor em questão! — representam meras transposições do escritor

Fernando Amado

para o papel, ou antes, os seres que, surpreendidos na existência pela retina do artista, êste avultou, afeiçoou à sua vontade, ao sabor das suas predilecções, isolando-os do conjunto da vida, ampliando-lhes o lado trágico ou dolorosamente caricatural e focando-os tão sòmente sob êsse ponto de vista.

Até aqui, e muito embora já tivesse um relêvo digno de nota, não se distinguiria Raul Brandão da coorte desgrenhada e ululante dos pessimistas, se porventura novos factores não viessem dar à sua obra um aspecto curioso, se assim podemos dizer. E êsse é que pròpriamente constitui o seu *caso* literário. Partindo embora da errónea concepção da vida que já expuzemos e subordinando-se à convicção falsa de que apenas o lado doloroso da existência pode fornecer motivos de arte e de beleza, Raul Brandão, embora dê aos aspectos focados um relêvo cruel e deformado, expõe muito mais com saüdade do que com revolta; não usa imprecações nem desespêros, nem sarcasmos. Trata-se mais dum melancólico aferrado à sua melancolia do que dum sinistro revoltado que uive dolorosamente aos quatro pontos da rosa dos ventos o inferno do seu desespêro. Lembram-se dos versos de Leopardi, *A se stesso*, em que o cisne negro de Recanati, dirigindo-se ao seu coração, exclama dolorosíssimamente:

Posa per sempre. Assai
Palpitasti. Non val cosa nessuna
I moti tuoi, nè di sospiri è degna
La terra. Amaro e noia
La vita, altro mai nulla; e fango è il mondo.
T'acqueta omai. Dispera
L'ultima volta. Al gener nostro, il fato
Non donò che il morire. Omai disprezza
Te, la natura, il brutto
Poter che, ascoso, a comun danno impera,
E l'infinita vanità del tutto.

Lembram-se dos sarcasmos de Camilo? Da doutrina desoladora do Hartmann? Baldado trabalho inquirir tudo isso em Raul Brandão que olhando a vida transforma o que — já alterado lhe dera a sua visão e se fica depois empapado de saüdade a olhar a vida e as suas criações... E o que torna mais curioso o *caso* literário de Raul Brandão é o facto de êste escritor ser por vezes um colorista exímio (embora à sua maneira) seduzido pela gama infinita dos céos e oceanos. As tragédias da vida, deixa-as êle por vezes de situar em países sombrias, angulosas e acarvoadas, para as colocar em plena luz, sob as fachas deslumbrantes do espectro solar: foge das águas fortes de Goya ou dos torvos desenhos de Steinlen e Raffaeli para as aguarelas em que os casos torvos da existência palpitam sob as tonalidades variadas do ocaso, da manhã, em mares e céos. Simplesmente, não lhe peçam que, sob o chuveiro glorioso e bemdito do sol, êle apresente outros aspectos da vida que não sejam os que a sua especial filosofia elegeu: para que êle os retrate, os aspectos da existência terão de ser saüdosos e doloridos: chegado em frente dum espectáculo maravilhoso de fôrça e de pujança, a sua pena recusa-se ou, sendo forçada, produz descrições apagadas, sem poder expressional: entra logo em jôgo a sua visão unilateral e deformada. Como exemplo do que seja a sua idiosincrasia anormal teem os leitores esta *Morte do Palhaço*, verdadeiro panorama a negro dos fantasmas que se agitam no pensamento do escritor. Da outra — a colorista — e da sua impossibilidade de dar os espectáculos de vida exuberante, côr violenta e fôrça em tôda a sua pujança, há exemplos que bastem em *Os Pescadores:* a descrição das Berlengas é prova do que afirmamos, pois que as côres passam aí dos olhos do escritor para o papel, numa sucessão de tonalidades, suaves, mas duma nitidez maravilhosa. Ponham porém o prosador em frente dos espectáculos de vida forte e gloriosa — e terão o quadro inexpressivo, nulo mesmo, que é a sua descrição da pesca do atum no Algarve...

...E que, não o deixando o seu péssimismo apreciar o conjunto harmónico da vida — e nisso está a tonalidade *geral* da sua concepção filosófica da existência — o seu *eu* busca por vezes fugir ao mundo estreito em que se confinára, e, daí, o não ter a sua paleta apenas tintas escuras, mas sim, por vezes, a atracção da luz, da irisação do espectro solar, embora o quási embotamento a que o reduziu o seu acanhado conceito filosófico, lhe não consinta para essas côres outro uso que não seja o de meios tons, a envolverem as criações arbitrárias do seu sonho!...

Singular, bastante singular em verdade, êste poema dramático em quatro actos que o sr. Fernando Amado lançou à publicidade!... Estando absolutamente fora das exigências da scena e apenas sendo possível representá-lo no teatro de vastas proporções que cada um possui no cérebro, *O Pescador* é porventura a obra mais forte que, nos últimos tempos, um moço apresentou como estreia. O poema dramático do sr. Amado, escondendo numa nuvem de símbolos tôdas as lutas do pensamento na hora que passa e bem assim, todo o vento de reforma que há uns anos sopra com intensidade sôbre a charneca da vida portuguesa, é, por vezes, duma intensidade expressional que empolga o leitor, isto desde que, tal leitor, esteja acostumado a procurar na leitura algo mais que uma simples distracção... São evidentes, para quem saiba ler, as tendências — ou antes as directrizes — do pensamento que ditou este vasto drama, di-

rectrizes que, afinal, constituem o ideário duma grande parte da mocidade do nosso tempo. Os símbolos sucedem-se, entrechocam-se, batem-se duramente e, por vezes, o combate acende clarões, à luz dos quais se vê as três virtudes cardeais, de mãos dadas na luta contra o êrro e a mentira duma pseudo-civilização. Êste livro é por assim dizer, no meio da aparente nebulosidade das suas imagens, a inquirição da ponte de passagem com que o presente, firmando-se no passado, irá atingir o futuro e perpassa por todo êle um sôpro heróico, ultra-moderno por ser duma actualidade de sempre... Como êste poema dramático seria extranhamente influenciador se o moço que o escreveu houvesse diluido menos a acção, apertando nas malhas duma síntese mais cerrada, mais despida de palavras o papel de cada um dos personagens, e tornando assim mais flagrantes, pela concisão, os símbolos que apresenta! A verdade porém é que, o sr. Amado, por vezes espraia-se, dilui-se, deixa esfumar a trama do poema em longas scenas, cujo alcance nada acrescenta porque a intenção já fôra conseguida. Além disso a efabulação amesquinha-se um pouco em certas passagens porque a frase descai, torna-se um tanto ou quanto rasteira perdendo a intensidade: outras vezes é um tanto ou quanto empolada destoando da índole dos personagens... Mas, quer a insuficiência de síntese que aqui e ali se nota quer ainda os outros defeitos que acabamos de apontar, não nos arredam do conceito que formamos desta obra: a de que *O Pescador* é quiçá, a mais forte produção literária que nos últimos tempos foi dado a um moço apresentar como estreia. As ideas que apresenta poderão ser discutíveis: o que não sofre contestação é o talento real de quem a escreveu!...

Já aqui expuzemos em tempos o conceito em que, sinceramente, tinhamos o sr. Brito Camacho como escritor. E êste *Longe da vista*, registo das impressões que na sua retina deixaram as suas peregrinações por terras de Espanha e França, só veiu confirmar êsse velho conceito. O sr. dr. Brito Camacho, deve ser um admirável companheiro de viagem, isto desde que a sua misantropia o deixe com ensanchas para tal!... Colorista, observador, irónico, e bastas vezes duma ingenuidade de birras que faz sorrir um indivíduo por mais aferrado que esteja a uma idea, o autor em questão expõe, comenta, critica a seu modo, fere aqui e ali uma nota irreverente e, mesmo quando o leitor não esteja concorde, nem porisso se zanga. A ironia, — um pouco azêda e duma seriação de tonalidades que vai desde o subtil até à rudeza alentejana — domina quási sempre e o autor acha continuamente meio — até mesmo quando menos seria de esperar — de meter uma nota humorista que faria sorrir o mais hamlético dos hipocondríacos. *Longe da vista* é um livro que se lê e ao qual se perdôa tudo—até mesmo a injustiça flagrante à qual, em mais dum ponto, o sr. Brito Camacho não soube ou não quiz fugir...

De Porto Alegre, nas terras ensoalhadas e esmeraldinas do Brasil, envia-nos o sr. Henrique de Casais um poema intitulado *Trilogia de amor*, e em cuja leitura acharão porventura consolação aqueles em cujo espírito ainda não secaram as grandes ideas que aviventam o comum da Humanidade. Na sua fé e no seu lar carinhoso achou matéria o sr. Henrique de Casais para um poema por vezes inspirado e duma grande correcção de factura. Quiçá o autor está um pouco enfeudado ao ingênuo lirismo que fez época haverá uns quarenta ou cincoenta anos; a estilística foi cuidadosamente observada, é certo, mas o contexto arrasta-se, adelgaça-se: o autor deixa planar à vontade o seu sonho, o que torna o poema às vezes um pouco monótono. Mas como nós desejariamos que os grandes sentimentos que animam esta *Trilogia*, o seu enternecido lirismo e os conhecimentos técnicos que revela fôssem alguma coisa conhecidos da legião de encabelados poetas que por aí atenazam os ouvidos da gente com as suas esfuriadas e teratológicas parturições dum revolucionarismo mais que duvidoso!... Livro de amor, fé, carinho e saüdade, é a dolorida confissão duma alma cheia de lirismo e simplicidade.

Êsse adorável Garrett das *Viagens* e do *Romanceiro:* o Garrett das campanhas liberais e dos coletes de floripondios, o ressuscitador árguto e finíssimo do nosso lirismo e o criador de tantas figuras — amoráveis umas como a Joaninha, trágicas outras como o Telmo e o Manoel de Sousa Coutinho do drama célebre — é quási um esquecido, uma raridade de biblioteca, um autor que se coloca sôbre as prateleiras duma estante mas que, infelizmente poucos lêem e meditam. Que nós saibamos, as suas edições são as mais minguadas e comesinhas, incluindo mesmo a edição grande que não depõe nada a respeito do carinho que merecia um escritor de tal quilate... Há o culto camiliano — que não passa, na generalidade, duma torpe exploração — só não existe o culto pela obra dum poeta que foi dos maiores que temos tido e cuja obra, pelo intüito portuguesissimo que a ditou, é das mais belas que se conhece!... Os camilistas têm editado quantos inéditos deixou o torturado de S. Miguel de Seide, desde as cartas mais dolorosas até, por assim dizer, ao rol da lavadeira; promoveram um *In memoriam* bojudo como um frade bernardo; pugnaram por um monumento que, em breve se erguerá numa dessas ruas da cidade; não tardará mesmo que surja uma grande edição das obras completas de Camilo!. . Só o grande escritor que foi Garrett não teve um *In memoriam* — e que estudos formidáveis não poderia fornecer a sua obra! — não possui um monumento, não tem uma edição cuidada e artística da sua produção literária, nem tampouco se conhece uma edição das suas cartas!... Que brutalidade é o gôsto literário em terras nossas!

É por via dêsse injusto esquecimento e cingindo-se à necessidade do conhecimento da correspondência do grande escritor — sobretudo a amorosa — que o sr. Júlio Brandão — o também injustamente esquecido contista da *Farmácia Pires* e poeta adorável de algumas dezenas de formosas liricas! — escreveu em 1913 o seu *Garrett e as cartas de amor*, agora reeditado e aonde trata da volumosa correspondência que Garrett endereçou à musa das *Fôlhas caídas*, frisando o facto de essa aludida correspondência existir ainda, teimosamente inédita, e de urgente se tornar a sua publicação. Copioso manancial seria, em verdade, para o conhecimento da figura amorosa do grande lírico, essa publicação!... Far-se há ela um dia? Não sabemos, tanto anda ao sabor das modas risíveis o conhecimento dos nossos maiores! Mas, que ela se faça ou não, aí ficam as páginas do *Garrett e as cartas de amor* a atestar que nem tudo

Júlio Brandão

é simiesco e vil nos cultos literários que aí grassam... tanta vez determinados apenas pela inquirição do metal sonante! Se outros títulos não possuisse o sr. Júlio Brandão a recomendá-lo à nossa estima, para isso bastaria a sinceridade que lhe ditou êste livrinho. E por isso lhe queremos bem!...

À primeira vista o título do livro que o sr. Eduardo C. N. Pereira acaba de publicar com o título: *Como se vence*, parece inculcar um tratado prático de trepar na vida, uma daquelas inúmeras brochuras que certo escritor de língua inglesa se tem farto de botar dos prelos para a luz da publicidade... Do exame atento do livro em questão se vê porém, ser bem diverso o intuito do sr. Eduardo Pereira. Este sr., — a quem não minguam conhecimentos amplos de história, uma grande leitura e uma boa dose de espírito crítico, estuda a génese do momento actual, os antecedentes da crise em que se debate o mundo moderno e, bem assim, as possíveis alterações que à vida dos povos poderão trazer as tendências hoje dominantes. Não apresenta o sr. Eduardo Pereira quaisquer soluções no livro que presente temos, limitando-se a expôr o estado da questão sob os seus aspectos vários e reservando-se para em outro volume apresentar aquilo que, segundo êle, poderá e deverá ser a reconstrução da nacionalidade portuguesa. Trata-se dum livro bem intencionado, a cujo espírito de isenção é mister render justiça e que bem merecerá um lugar nas estantes daqueles que, à terra nossa desejam o futuro para que ela foi talhada .. É o livro de alguém que estuda e não deseja remeter-se ao criminoso comodismo do silêncio.

Sob o título geral de *Brasil*, envia-nos a sr.ª D. Eunice Caldas uma obra de sua autoria e na qual as terras por Alvares Cabral descobertas são estudadas na complexidade da sua civilização actual e se traça um panegírico das altas qualidades que residem no actual Presidente da República Brasileira, sr. dr. Washington Luís. Os serviços da administração, as artes, a literatura, a produção, o exército, o comércio e a navegação do Brasil, tudo nos expõe a sr.ª D. Eunice Caldas entusiàsticamente, fazendo por vezes um pouco de história e tendo para comnosco de vez em quando uma amabilidade que nos compensa um pouco de várias ingratidões dos seus compatriotas. Pareceu-nos porém, a autora em questão, bastante eclética em suas ideias, sem uma directriz firme e segura no seu pensamento — àparte, é claro, o amor pelo seu Brasil que achamos justo, e a admiração pelas qualidades do Presidente actual, da qual também não temos dúvida alguma em comparticipar, — e achando sempre bem tudo quanto se tem feito na sua pátria. A sr.ª D. Eunice Caldas não tem preferências — ao que nos foi dado perceber — por esta ou aquela escola artística e literária, antes manifestando, como o Marçal Pacheco da anedota contada por Gonçalves Crespo, *uma decidida preferência .. por lo todo ..* É um modo de se ser patriota e não lhe queremos mal por isso. O que desejariamos é que o seu estilo fôsse um pouco menos empolado, menos representação-nacional e senador .. O capítulo *Patria*, cuja sinceridade não contestaremos nem por um decreto, é contudo uma amostra de enfatuação de escrita que já passou de moda, mas que a sr.ª D. Eunice Caldas muito parece presar. De resto, o livro tem a acreditá-lo o embevecimento da autora pelo seu Brasil, e as arreigadas esperanças que ela põe no futuro govêrno do actual Presidente eleito. Achamos bem e ousamos esperar que as esperanças da sr.ª D. Eunice Caldas não serão iludidas.

O cortejo dos Herois desconhecidos, — assim intitulou o sr. Eduardo Moreira uma brochurasinha na qual se encontra guardada a alocução por êle lida no Instituto Histórico do Minho. Essa alocução, ou *episódio das Crónicas de Portugal*, como a sub-titulou o sr. Eduardo Moreira, é a exposição e comentário do que foi a tumulização do Soldado Desconhecido na Batalha: não desmerece na leitura, embora nem sempre se abunde nalgumas das opiniões do autor. Seguem-se para fechar esta resenha, os *Postais de Caldelas*, colectânia de croniquelhas que o sr. .. Rosa escreveu naquele refúgio de enterecolíticos e as quais, além de gráficamente recomendáveis, se lêem com desenfado e, por vezes com um sorriso.

ÁLVARO MAIA.

TEATRO

SE EU QUISESSE...

Custe o que custar, dôa a quem doer, aqui se pede a imediata atenção dos Poderes Públicos para o que de excepcionalmente grave se está passando no velho Teatro de D. Maria.

Tradições respeitáveis há que a ninguém é lícito menosprezar, como permitido não deve nem pode ser que tempestuosos ventos de insânia livremente assoprem, lançando por terra usos e bem radicados costumes, que de há muito fazem parte da própria vida do País.

Com doloroso espanto é pois, e de coração alanceado, que lançamos mão da nossa débil e mal aparada pena para verberar o que tão verberável nos parece, antes que o mal, que já é grave, em breve se transforme em mais vasta e irreprimível calamidade!

E, se exagerado parecer ao leitor, êste nosso brado de protesto, solícitos lhe pedimos que vá lá uma noite sequer e por seus próprios olhos contemple, como nós contemplámos, o estupendo, innarrável escândalo: No Teatro de D. Maria está-se representando bem!

Que audácia nova é esta? Que mãos iconoclastas, sem cuidado e sem a sombra dum respeito, a tocar se atrevem naquela Arca Santa da Monotonia, perturbando a mansa e quási abstracta existência daquela casa, pretendendo dar-nos teatro vivo e alegria e sentimento e riso, em vez das salutares, remançosas representações com que o Normal amansa os nervos do alfacinha irrequieto, e que, por um lado banhando em inefável glória seus solenes e bem condecorados actores, por outro lado faz desabrochar em cada noite, desde as torrinhas à platéia, a larga, benéfica, imarcessível flor do Bocejo nacional?!

E, sabe-o o leitor muito bem e sabemo-lo todos, que desde a Batalha de Ourique do sr. Cabreira até nossos dias, o Bocejo é, iniludivelmente, a única instituïção méramente forte e basilar, trave mestra e pedra angular, traço de união que a todos nos liga, a êle cabe, melhor do que a ninguém, o nobre epiteto de *Racial*, pois é êle, enfim, que nos aguenta; e tentar sequer diminuir-lhe o poder, o mesmo é que minar os fundamentos da própria nacionalidade. E quem, mais dedicadamente do que o Normal, sabia com manso cuidado, de alto a baixo abrir a queixada lusitana, dando-lhe em cada acto a pílula do ópio tranquilizador, aquele abandono de alma lêdo e cego em que se diluem tôdas as nossas dôres e onde agonisam e se apagam para sempre os vagalumes de tôdas as esperanças enganosas? Pois então o *D. Maria* não será mais o Teatro onde a gente se aborrece? Pois há quem atrevidamente, revolucionàriamente, pretenda roubar-nos a mais sólida garantia da nossa inércia, paz e tranquilidade? *Quosque tandem*, Alexandre Catilina de Azevedo? Se, ao menos, êstes lamentáveis acontecimentos se tivessem passado nos ominosos tempos do sr. António Maria da Silva ou da Rainha D. Tereza ou Tareja, quando ainda a água da Curia não fazia parte inseparável da nossa bandeira, nem tínhamos sequer alcançado a decisiva vitória sôbre os infiéis de Ourique no concelho do Cartaxo, — vá que no *D. Maria* tal se fizesse, pois que sempre o Teatro, espelho da vida, reflectiu o estado de alma particular de cada povo. Mas, hoje! Hoje que a diurese nacional está plena e abundantemente garantida pela milagrosa influência da sobredita água salubérrima, hoje que um ínclito e gótico Sábio, até há pouco incompreendido, conseguiu com o tácito aplauso da nossa nunca assás veneranda e douta Academia, fazer em estilhas as madurezas dum tal Alexandre Herculano, e com nobre fúria carlovíngia, duma espetadela única, nos põe de enfiada sôbre o altar da pátria, cinco Reis Moiros à *la broche* — não, não e não!

Tanto mais que o nefando caso está tomando aspectos de conspiração malfaseja, pois logo que começa tombando a noite, acorre açodadamente um público numeroso, permutando-se cabalísticos sinais de desusada alegria, ouvindo-se de bôca em bôca a misteriosa palavra de passe, que conseguimos descobrir, o santo e senha repetido a cada instante: Ilda Stichini! Ilda Stichini!

Porque eu lhes juro, que é mui perigosa esta Dona, que ao lado dum maravilhoso instinto de comediante, tem a seu serviço uma rara inteligência. Inteligência que a si mesma se sabe ocultar nos ingénuos papéis que quási sempre lhe distribuem, e tão admirável e perfeitamente realisados que nos deixam a ilusão de que para êles e só para êles teria talvez nascido... O que é nela afinal grande malícia e mentira, pois se nos revela senhora duma excepcionalíssima fôrça, na segurança e maestria com que conduz tôda a representação do *Se eu quisesse*...

Pois, se ela quiser... muito e muito dará ainda que falar!

Azevedo, muito bem, está claro, Albertina d'Oliveira perturbante e deliciosa como a rúbrica manda, Luís Pinto não fez porque não quis com mais *aplomb* a sua rábula, mas bem, mesmo assim, e Raul de Carvalho lá vai lêpido seguindo, como *estrêlo*, sua larga e radiosa estrada.

A peça... um pretexto muito agradável. E um bonito scenário.

Ora, pelo que fica dito, creio, meus senhores, que me não faltam razões para reclamar a Polícia.

Um velho espectador do D. Maria.

ESTÉTICA DA LÍNGUA PORTUGUESA

MANIFESTAÇÕES LINGÜÍSTICAS DA OBSCENIDADE E DA VAIDADE

Se é certo que o Bom e o Belo se confundem filosòficamente, ou pelo menos em algumas filosofias, também é verdade que em vários casos de emprêgo inestético da língua ressuma a fraca ou nula moral dos que a empregam inestèticamente.

O facto mais tipico, neste sentido, é o gôsto ou o hábito de proferir obscenidades, que no povo inculto tem alguma desculpa (pois êste não conhece outro sistema de impor energia à expressão de sentimentos enérgicos) mas que em pessoas cultas ou semi-cultas indica sujidade de alma, quando não apenas mau costume, resultante muitas vezes da convivência exclusivamente masculina. A tradição fradesca do ensino secundário e superior, em certos países, e sobretudo em certas cidades escolares, onde a rapaziada se atulhava para ser ensinada (e não «educada»), passando meses ou anos sem nenhum trato social cortês e fino, fêz com que muitas vezes a linguagem sôlta do estudante se não distinguisse muito da do soldado ou do arrieiro.

Aliás a obscenidade é relativa, como tudo, e eu vejo que, neste particular, é muito mais resistente que o meu o estômago da polícia de costumes, das municipalidades, associações comerciais, emprêsas jornalísticas, e mais instituições ou entidades a quem cumpria agoniarem-se com o caso a que vou referir-me: Há alguns anos que uns sapateiros quaisquer se lembraram de pôr à loja o nome de *Portugal*, terra onde nenhuma lei escrita e nenhuma educação cívica proïbe que o próprio nome da Pátria e os dos seus heróis sejam para aí jurados em vão com fins puramente gananciosos. Assim é que já temos, entre outras maravilhas, os chinelos Portugal e o calicida Herculano, nada impedindo, portanto, que amanhã se anunciem e vendam a rôdos a graxa Camões, o piolhifugo Nun'Alvares, a sardinha Vasco da Gama e o purgante Afonso Henriques.

Lá por fora a educação cívica é outra, e são outros os costumes e as leis — se é que são precisas leis onde as suprem a educação e os costumes. Poderemos ver à proa de algum couraçado ou transatlântico, monumentos colossais da fôrça económica ou militar de uma grande nação, os nomes de *France, Great-Britain*, ou *Deutschland*; mas procure-se, entre tantas marcas de automóveis (indústria muito em voga e em certo modo mais aristocrática do que a de calçado) alguma que se chame *Itália, England, United-States, Preussen*; ou *Dante, Washington, Jeanne d'Arc, Cervantes, Goethe*... Procure-se até com um prego aceso, e com certeza não se encontrará.

Aqui envergonhámo-nos todos há alguns anos (os que temos vergonha), quando um político belga, salvo êrro, berrou no seu parlamento que não admitia que a Bélgica *se portugalizasse*, como quem diz: se rebaixasse a colónia britânica. E logo um patriota sapateiro, o mesmo que tinha pôsto à sapataria o nome de *Portugal*, aproveitando a deixa do insulto estranjeiro, encheu as nossas paredes de cartazes onde nos aconselha a que *portugalizemos os pés*. E os cartazes por aí se ostentam, de-certo com aplauso de todo o portuguesinho valente, desde os moços alferes e tenentes que juraram defender a dignidade nacional, aos generais que se revoltaram para «dignificar» a nossa Pátria.

Positivamente estamos necessitados de uma boa reforma da educação nacional, a ver se se reaportuguesam as almas a muito boa gente.

* * *

Continuando a misturar a moral com a estética, passemos das manifestações lingüísticas da obscenidade às da vaidade, que se revela sobretudo nos títulos e nos tratamentos, por uma forma que oscila entre ridícula, incómoda e fraudulenta. Isto vem já de longe, do tempo em que se inventou aquele dístico significativo:

Foge, cão, que te fazem barão!
Mas, ¿para onde, se me fazem visconde?...

Agora creio que há mais viscondes e condes do que nunca, e isto não tem importância nenhuma. O pior são os eufemismos compridíssimos que a Democracia inventou para substituir os velhos nomes de profissões muito honradas, mas que muito se desonravam de se ouvir chamar pelos seus nomes. Agora os carroceiros são Condutores de Veículos de Carga, e os cozinheiros Profissionais Culinários. Os mestres de primeiras letras passaram todos a *Profs*, como os doutores das univerdades alemãs, de modo que aqui houve abreviatura formal, mas promoção democrática e bíblica dos últimos a primeiros. Mais engraçada ainda é a evolução dos apontadores de Obras Públicas, que um decreto muito republicano veio lisonjear com o título de *Auxiliares de Engenheiros*, e outro decreto, invertendo a ordem dos factores, cada vez mais arbitrária, alcandorou logo a seguir em *Engenheiros Auxiliares*. Depois, assim como o sócio correspondente da Academia das Sciências põe nos livros, por baixo do seu nome (para abreviar, e não para fingir de sócio efectivo) apenas *da Academia das Sciências*, os Engenheiros Auxiliares mandaram fazer cartões de visita em que só confessavam o *Engenheiro*, e surripiavam o *Auxiliar*. Desta feita ficaram *tutti ingegnieri*, como os outros *tutti marchesi*, até que há cerca de um ano surgiu por causa disto uma parede escolar contraditória, entre futuros engenheiros mais ou menos verdadeiros, ou tão verdadeiros uns como os outros, segundo dizem alguns e todos podemos acreditar. Esta parede ainda dura, sem prejuízo de maior para a engenharia, porque uma população que mostra tal empenho em ser engenheira é suficientemente engenhosa para lá chegar sem aulas, sem exercícios e sem cursos.

Assim, por influência da inveja, da vaidade e da democracia livre, igualitária e fraternal, vão mudando as coisas de nome e as palavras esvaziando-se de sentido. Entre todas as do dicionário português, parece que nenhuma ficou tão espremida, andando o tempo, como a palavra *Excelência*. Há cem anos o erudito Moraes e Silva ainda lhe encontrava todo êste sumo: «Superioridade que alguma cousa ou pessoa tem, avantajando-se às da sua espécie, na bondade, virtude, graduação, pôsto, e qualquer boa qualidade, ou parte. Título que se dá aos Duques, Marqueses, Condes, Bispos, Camaristas, Generais, etc.». Êste *etcetera* cresceu e medrou tanto, de há um século para cá, que para dentro da palavra *Excelência* entrou tudo e mais alguma coisa, a ponto que o povo, com belo instinto etimológico, a transformou em *Incelência*, substituindo-lhe o prefixo por outro muito mais adequado.

Agora dirá o leitor que, assim, a palavra não se esvaziou, mas se encheu. Pois é; mas rebentou, por isso mesmo; e agora está no chão, feita uma tripa, como os porquinhos de borracha que os meninos assopraram de mais.

E' universal e de todos os tempos, êste fenómeno do aviltamento das fórmulas de cortesia. Criadas para a vaidade, a própria vaidade as mata, desprezando-as e exigindo mais e melhor. Assim a *Vossa Mercê*, com que D. Afonso Henriques se honrava, já não sabia a nada aos bispos e condes do tempo de Moraes e Silva. Depois, abreviada em *Vocemecê* e *Você*, deu-se dada aos criados e aos moços de fretes, até que, porque paralelamente se conservara como tratamento literário entre camaradas, se tornou de bom tom, na «sociedade» de Lisboa, entre rapazes janotas e meninas que se dão ares.

O primeiro moço fútil e bem vestido que se lembrou de instaurar esta reforma prestou bom serviço à nossa língua. E' preciso agradecer-lhe, a êsse Filólogo Desconhecido, quási tanto como ao Soldado Idem. Agradecer-lhe e segui-lo, transportando à escrita a moda que êle soube impor à língua oral, tanto mais que na escrita esta alteração é muito fácil, bastando escrever um *V.* onde agora semeamos as ridículas e implicativas *Excelências*, que vexam sobretudo aqueles portugueses avezados a escrever em português a correspondentes estranjeiros.

Todas as línguas cultas e importantes, menos a nossa, souberam criar a fórmula breve, meramente pronominal, de tratamento, que serve para todos, não obriga a medições de categoria, nem assume para estranhos o carácter grotesco de um esbanjamento de cortesias pretensiosamente aristocráticas. O *Vous*, o *You*, o *Lei*, o *Sie*, são meros pronomes, que dão para tudo e não querem dizer nada. Ao *Usted* espanhol já quási nada resta, e nada se lhe descobre vulgarmente, do *Vuestra Merced* originário. E dentro do próprio domínio geográfico da nossa língua, aí temos o bom exemplo do Brasil, onde os oradores e os conferencistas se dirigem sempre aos seus auditórios na portuguesíssima segunda pessoa do plural, e que também no trato oral e na correspondência escrita aboliu o foguetório das *Excelências*, dando-nos assim dupla lição: — de boa lingüística, e de boa democracia.

* * *

Tudo isto pôsto, faço votos sinceros para que:

1.º Mesmo por processos revolucionários, não bastando outros, recebam suficiente ensinadela os afixadores de cartazes comerciais indecentes; e que, por disposições legais, se coïba para o futuro a liberdade de achincalhar, a pretexto de negócio, os nomes de Portugal e dos seus grandes homens;

2.º Que a Escola, a Imprensa, o Púlpito — todos os órgãos de influência moral combatam o pendor nacional, pueril e grotesco, para cada um querer parecer o que não é ou mais do que é, enganando-se apenas a si próprio; quando não, sejamos francos, e reforme-se a constituição da República, por forma que todo o bom republicano tenha direito ao tratamento de «Sua Majestade»;

3.º Que o Estado renove e democratize a pragmática das suas secretarias, adoptando em lugar das luxuriantes Senhorias e Excelências o simples *V.*, sem mais franjas; e que os homens de boa-vontade tenham a coragem cívica de ir adoptando na sua correspondência particular esta reforma necessária e saudável.

Saúde e Humildade.

AGOSTINHO DE CAMPOS.

A LETRA ENCARNADA

Romance por NATHANIEL HAWTHORNE

Continuação do n.º 171

Sensacional romance americano, cujo extraordinário êxito se avalia pela tiragem de 2.700.000 exemplares atingida nos Estados Unidos.

— ¿ Não o torturaste já bastante ? — disse Hester, reparando no aspecto do velho. — Não te pagou já tudo ?

— Não, não ! Não fêz senão aumentar a dívida ! — respondeu o físico ; e, à proporção que ia falando, a sua expressão ia perdendo a violência e tornando-se abatida e triste. — Lembras-te, Hester, de como eu era há nove anos ? Já estava no outono de meus dias, e não era o princípio de outono. Mas tôda a minha vida se compusera de anos graves e quietos, cheios de pensamento e de estudo, constantemente dedicados ao acrêscimo de meus conhecimentos e também constantemente — ainda que êste objecto derivasse do outro — ao progresso do bem da humanidade. Nenhuma vida fôra mais pacífica e inocente que a minha ; poucas foram tão ricas de benefícios feitos. Lembras-te de como eu era ? ¿ Não era eu, ainda que pudésseis ter-me por frio, todavia um homem cuidadoso do bem dos outros, que pouco pretendia para si — bom, verdadeiro, justo, e de afectos constantes, se não ardentes ? Não era eu isto tudo ?

— Tudo isso, e ainda mais — disse Hester.

— E que sou eu agora ? — perguntou êle, olhando-a de frente e deixando transparecer no rosto todo o mal que nêle havia. — Já te disse o que sou — um demonio ! Quem foi que me pôs assim ?

— Fui eu mesma — exclamou Hester, estremecendo. — Fui eu mesma, não menos que êle. Porque te não vingaste em mim ?

— Deixei-te à letra encarnada — respondeu Roger Chillingworth. — Se essa me não vingou, mais não poderei fazer !

Pôs o dedo sôbre a letra e sorriu.

— Sim, vingou-te — respondeu Hester Prynne.

— Assim o supus — disse o físico. — E agora que queres tu de mim com respeito a êsse homem ?

— Tenho que revelar o segrêdo — respondeu Hester com firmeza. — É preciso que êle saiba quem tu és. Qual será o resultado, não sei. Mas esta longa dívida de verdade, por que sou responsável ao homem de quem tenho sido ruína e maldição, será emfim paga. Pelo que respeita à perda ou conservação do seu bom nome e da sua posição na terra, e talvez da sua vida, está êle em tuas mãos. Nem vejo eu—a quem a letra encarnada tem ensinado a verdade, ainda que seja a verdade do ferro em brasa que penetra na alma — nem vejo eu tão grande vantagem em que êle continue a viver uma vida de tão vazia angústia, que me curve a implorar a tua misericórdia. Faze dêle o que quiseres ! Não há bem para êle, não há bem para mim, não há bem para ti. Não há bem para a pequenina. Não há estrada por onde possamos sair dêste pavoroso labirinto.

— Mulher, quási que me compadecera de ti — disse Roger Chillingwoth, sem poder dominar um impulso de admiração, pois havia quási majestade no desespêro que ela exprimia. — Tinhas grandes qualidades. Se tivesses encontrado mais cedo um amor melhor que o meu, êste mal não teria acontecido. Compadeço-me de ti, sim, pelo bem que se perdeu inùtilmente na tua natureza.

— E eu de ti me compadeço — respondeu Hester Prynne — pelo ódio que transformou em demónio um homem sábio e justo ! ¿ Não quererás livrar-te dêsse mal, e tornar de novo a ser humano ? Se não por causa dêle, fá-lo por tua própria causa ! Perdoa, e deixa o castigo do culpado àquele Poder a quem pertence ! Disse eu, ainda agora, que nada lhe podia suceder de bom a êle, ou a ti, ou a mim, que aqui vagueamos juntos neste escuro labirinto do mal, a cada passo tropeçando no crime que por nosso caminho espalhámos. Mas não é assim ! Para ti ainda poderá haver bem, e só para ti, porque sofreste uma grande injúria, e em teu arbítrio está perdoá-la. ¿ Quererás tu renunciar a êsse único privilégio ? ¿ Quererás rejeitar êsse benefício sem preço ?

— Cala, Hester, cala ! — disse o velho com triste severidade. — Não me é dado perdoar. Não tenho êsse poder de que me falas. Minha antiga fé, já há tanto esquecida, volta agora, e explica tudo que fazemos e tudo que sofremos. Pelo primeiro passo errado que deste, lançaste a semente do mal ; mas daí em diante tudo tem sido uma funesta necessidade. Vós, que me haveis injuriado, não sois pecadores, a não ser numa espécie de ilusão simbólica ; nem sou eu demoníaco, que das mãos de um demónio arranquei o seu mester. É o nosso destino. Floreça a negra flor como tiver de ser ! Segue teu caminho, e trata com êsse homem como quiseres.

Fêz um gesto com a mão, e voltou à sua ocupação de colher ervas.

XV

HESTER E PEARL

Assim Roger Chillingworth — figura senil e disforme com semblante que ficava na memória dos homens mais tempo do que lhes aprazia — se despediu de Hester Prynne e continuou a andar, curvado para o chão. Aqui e ali colhia uma erva, ou arrancava uma raiz, e metia-a no cêsto que levava no braço. A barba grisalha quási tocava o chão emquanto êle ia avançando. Hester seguiu-o algum tempo com a vista, reparando, com curiosidade meio fantástica, se a erva tenra do princípio da primavera não murcharia à sua passagem, mostrando o rasto incerto de seus passos, sêco e pardo, através da sua alegre verdura. Perguntava a si mesma que ervas seriam aquelas que o velho com tanta diligência andava a colhêr. ¿ Não iria a terra, desperta para o mal pelo contágio do olhar dêle, presenteá-lo com arbustos venenosos, de espécies até ali desconhecidas, que surgissem sob os seus dedos ? ¿ Ou bastar-lhe-ia que tôdas as plantas salutares se tornassem venenosas e malignas logo que êle lhes tocasse ? ¿ O sol, que tão luminoso brilhava em tôdas as outras partes, iluminava-o realmente também a êle ? ¿ Ou haveria, como antes se lhe afigurava, um círculo agourento de sombra que se movia com a sua deformidade por onde quer que êle fôsse ? E onde ia êle agora ? ¿ Não se enfiaria de repente pelo chão abaixo, deixando um espaço sêco e crestado, onde, no decurso do tempo, viriam a crescer a beladona, o meimendro, o pilrito, e as mais plantas más que o clima pudesse produzir, vicejando tôdas com uma hedionda vida ? ¿ Ou iria de repente abrir asas de morcego e desaparecer voando, parecendo tanto mais horrível quanto mais se erguesse no céu ?

— Seja pecado ou não — disse Hester Prynne

com amargura, seguindo-o ainda com os olhos — odeio-o!

Censurou-se por êste sentimento, porêm não o pôde vencer nem diminuir. Ao tentar fazê-lo, lembrou-se daqueles dias longinquos numa terra distante, quando êle costumava sair ao entardecer da reclusão do gabinete de estudo, e vir sentar-se ao fogo da lareira familiar, e à luz do sorriso nupcial dela. Precisava êle, dizia, de se aquecer à luz dêsse sorriso, para que o frio de tantas horas solitárias, passadas entre os seus livros, lhe saísse do coração. Em outros tempos estas scenas só lhe pareciam a ela felizes, porêm agora, vistas através do triste meio da vida subseqüente, figuravam entre as mais hediondas de suas recordações. Admirava-se de que se pudessem ter dado! Admirava-se de ter podido consentir em casar com aquele homem! Entendia que o crime de que mais tinha de arrepender-se era o de ter chegado a suportar e retribuir a pressão morna da mão dêle e deixar o sorriso dos seus olhos e dos seus lábios misturar-se e confundir-se com o sorriso dêle. E parecia-lhe que Roger Chillingworth praticara pior ofensa que qualquer que depois lhe fôra feita a êle, quando, ao tempo em que o coração dela não sabia mais, a persuadira a imaginar-se feliz a seu lado.

— Sim, odeio-o! — repetiu Hester, mais amargamente que da primeira vez. — Traíu-me! Fêz-me maior mal que lhe eu fiz a êle!

Tremam os homens de ganhar a mão de uma mulher, a não ser que com ela ganhem o maior afecto que ela pode sentir! De contrário, pode ser sua triste sorte que, como a sucedeu Roger Chillingworth, depois que algum condão maior que o dêles despertar tôda a sensibilidade da mulher, até lhes seja censurado o contentamento calmo, a imagem marmórea da felicidade, que lhe tiverem imposto como sendo a realidade viva. Mas Hester devia ter, há muito, apagado em seu ânimo essa injustiça. Que significava ela? ¿Sete longos anos, sob a tortura da letra encarnada, teriam causado tanta anústia sem provocar nenhum arrependimento?

As emoções daquele breve espaço em que esteve seguindo com o olhar a figura torta do velho Roger Chillingworth lançaram uma luz sinistra sôbre o estado de alma de Hester, revelando-lhe muitas cousas que ela ainda não pudera reconhecer em si.

Logo que o velho se afastou, Hester chamou a filha.

— Pearl! Pearl pequenina! Onde estás tu?

Pearl, cuja actividade de espírito nunca diminuia, não tinha deixado de encontrar com que se entreter emquanto a mãe falava com o velho que andava às ervas. A princípio, como já se referiu, tinha brincado fantàsticamente com a sua própria imagem numa pôça de água, chamando o fantasma a que saísse, e — como êle o não fizera — buscando ela mesma uma passagem para o mundo de terra impalpável e céu inatingível em que êle se encontrava. Não tardando, porêm a descobrir que ou ela ou a imagem era irreal, voltou-se para outras cousas para melhor se entreter. Fêz barquinhos de casca de vidoeiro, e carregou-os de cascas de caracol, e assim pôs mais carregamentos no mar que o maior mercador da Nova Inglaterra; mas a maior parte dos barcos naufragaram perto de terra. Pegou pela cauda num bicho que encontrou, apanhou estrêlas do mar, e estendeu ao sol uma alforreca para a ver desfazer-se. Depois pegou na alva espuma que listrava a linha da maré crescente, atirou-a ao vento e pôs-se a correr atrás dela como se tivesse asas nos pés, para apanhar os grandes flocos de neve antes que caissem. Reparando num bando de pequenas aves marinhas que andavam a comer e a bater as asas à beira-mar, a travêssa pequenita encheu de pedras o avental, e, indo de rochedo em rochedo atrás delas, mostrou notável destreza em bombardeá-las. Um passarinho pequeno, cinzento, de peito branco, tinha Pearl quási a certeza de que havia sido atingido por uma pedra, e que fugira com uma asa partida. Então, porêm, a buliçosa criança suspirou, e deixou de brincar, porque lhe pesou ter feito mal a um pobre ser tão pequeno que era tão livre como a brisa do mar ou como a própria Pearl.

O seu último entretenimento foi colhêr algas, de diversas espécies, e fazer com elas um chale ou manto, e uma touca, e pô-los, tomando assim o aspecto de uma sereia pequenina. Tinha herdado o dom materno de inventar e dispor trajos e ornatos. Para último retoque no seu vestido de sereia, Pearl colheu uma erva fina e com ela imitou, o melhor que pôde, sôbre o próprio peito, o ornato que há tanto tempo via no peito da mãe. Uma letra — a letra A — mas de verde fresco, em vez de encarnado. A pequenina inclinou o queixo sôbre o peito e contemplou com estranho interêsse esta figura, como se o único fim por que viera ao mundo fôsse o de descobrir o seu oculto sentido.

— Quero ver se a mãe me pergunta o que isto quer dizer — pensava Pearl.

Ouviu então a voz da mãe, e, correndo com a velocidade de uma daquelas avezinhas do mar, apareceu diante de Hester Prynne a dançar, a rir, e a apontar com o dedo para o adôrno que trazia ao peito.

— Oh, minha pequenina — disse Hester depois de um momento de silêncio — a letra verde, e sôbre o teu peitinho, não tem sentido. Mas sabes tu, filha que quer dizer esta letra que a tua mãe está condenada a usar?

— Sei, mãe — disse a criança. — É um A grande. Ensinaste-mo tu na cartilha.

Hester olhou fixamente para a carinha da criança; mas, ainda que nela visse aquela singular expressão que tantas vezes notara nos seus olhos negros, não podia bem determinar se Pearl realmente ligava alguma significação àquele símbolo. Sentiu um desejo mórbido de o verificar.

— ¿Sabes, filha, porque é que tua mãe usa esta letra?

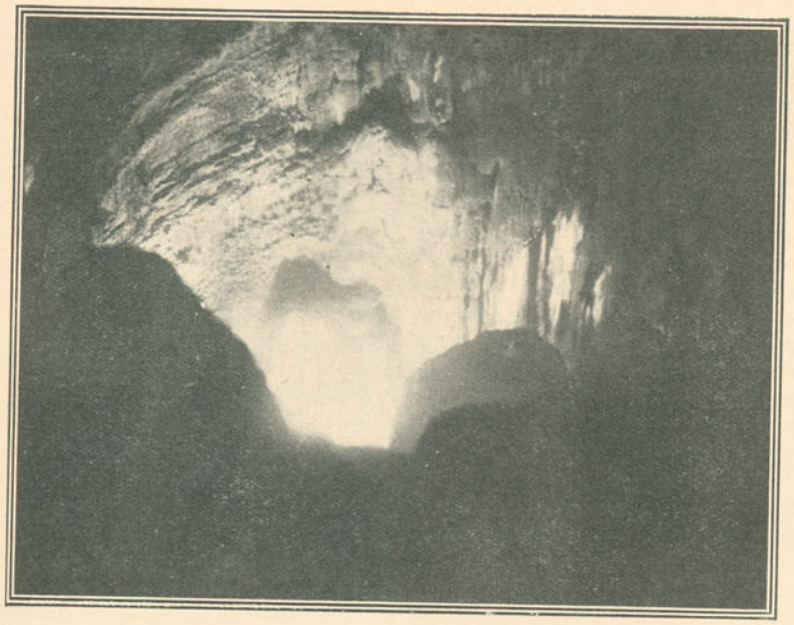
— Sei, sei! — respondeu Pearl, olhando com inteligência para o rosto materno. — É pela mesma razão por que o padre põe a mão sôbre o coração!

— E que razão é essa? — perguntou Hester, quási a sorrir da absurda incongruência da observação da filha, mas logo, ao pensar melhor, empalidecendo. — Que tem a letra que ver com qualquer coração que não seja o meu?

— Oh, mãe, eu disse tudo que sei — disse Pearl com mais seriedade do que costumava. — Pergunta àquele velho com que tens estado a falar! Talvez êle saiba. Mas agora a sério, mãezinha ¿que quer dizer esta letra encarnada? — e porque é que tu a usas no peito? — e porque é que o padre tem sempre a mão sôbre o coração?

Pearl tomou a mão da mãe entre as suas, e levantou os olhos para os dela, com uma expressão de seriedade que raras vezes se via no seu carácter bravio e caprichoso. Ocorreu a Hester o pensamento de que talvez a criança estivesse tentando aproximar-se dela com infantil confiança, e fazendo o que podia, e com tôda a inteligência que tinha, para estabelecer um encontro de simpatias. Era um novo aspecto de Pearl. Até aqui, a mãe, embora amando a filha com a intensidade de uma afeição única, tinha-se acostumado à idea de que não poderia esperar dela paga que não fôsse a dos caprichos de uma brisa de abril, que gasta o tempo em vãos brinquedos, e tem rajadas de fúria inexplicável, e é petulante em seus melhores momentos, e vos resfria, mais que vos acarinha, quando a tomais contra o peito; e que, em compensação dêstes maus tratos, virá às vezes, com espontaneidade quási inconsciente, beijar-vos a face com uma espécie de ternura dúbia, ou brincar-vos ao de leve com o cabelo, afastando-se logo para continuar suas ociosas voltas, e deixando-vos na alma um vago prazer.

(Continua.)



A cripta do «algar» de Ladoeiro (fotografia feita á profundidade de 230 metros)

NO VESTÍBULO DO INFERNO...

(IMPRESSÕES DE VIAGEM ÀS NASCENTES DO ALVIELA)

Ao chouto cascalheiro da mulinha nédia e teimosa, os seus cascos delgados, como baquetas de caixa de rufo, iam tropeando no granito e compassando a musiquinha gaiteira que me bailava na cabeça fatigada

Água que no has de beber
Dejala correr... Dejala...

Tudo me sugeria a recordação daquele estribilho sédiço que, na minha puberdade, me havia povoado as largas insónias, de mistura com a recordação de certa cupletista, loira, espanhola e gorda que o trauteava molemente; o chouto musical da mula, os brados guturais e rítmicos dos guias da montanha, o longinquo e imenso silêncio cheio de melancolia que brotava de todos os lados, para lá da corôa de serranias que sustentava sôbre os picachos acerados o céu de chumbo.

Santarem, Pernes, Alcanena, passar ao largo dos Olhos d'Água e grimpar a Moita de Cima e logo após a Serra de Santo António, tem sido a nossa proeza desde a madrugada escura em que, armas e bagagens às costas, demandámos o pélago sem luz e com cheiro da estação do Rocio, iluminada a lamparina de azeite.

Agora calcamos a serrania agreste e vasta, árida até ao incrível, uma oliveira encarquilhada agora, uma figueira tísica uma légua além, pedrisco puido por tôda a parte. Parece que as nossas montadas, pacientes, resignadas e cuidadosas em procurar o granito menos resvaladiço, nos conduzem por sôbre vagas dum mar imenso que um titan feroz petrificou num gesto de maldade. Subimos e descemos sem cessar, norteados por algum moinho longinquo, para depois, passado o casebre arruinado em roda do qual as velas gemem a tortura do seu perene movimento, descer outro vale e galgar outra lomba pedregosa e seguir sempre, atalhando as montanhas, em linha recta.

— É coisa de meia légua ainda, é sempre a direito, não há que enganar! — elucida-nos invariàvelmente, desde o meio dia, um serrano rijo e cambaio como raiz velha, que nos serve de guia naquele deserto e a quem a nossa fadiga enche de preguntas de trecho a trecho.

O Sol vai já a caír para um último moinho, mais lá; a noite espreita-nos em plena serra e o guia cambaio vai sempre respondendo imperturbàvelmente, sorrindo por entre umas barbichas rôxas de fauno borracho.

— Não há nada que enganar... é tudo a direito... coisa de meia légua!

Demandamos um «algar», uma dessas cisternas naturais onde a água, durante a sua permanência, de inverno, vai procurando arteiramente o conduto misterioso através as camadas de terreno da base da montanha para, chegada a estiagem, por ali se escapulir, gota a gota, numa infiltração complicada e depurante e ir formar a toalha de água subterrânea que há de ser a ribeira de Ameais, depois o Alviela e após a captação em Olhos d'Água, a linfa preciosa da Companhia das Águas, aquela que, nestes calores, faz recordar o estribilho *sandunguero:*

Água que no has de beber...

À minha frente, na fila indiana que as bestas teimosamente formam, vai um homem escanchado numa burrinha magra e tisnada, um homem que leva atravessados na albarda, penduradas em alforges listrados, às costas, nos ombros, debaixo dos braços, malas quadradas como cunhetes de pólvora, sacos de coiro raros e bizarros e um canudo enorme, terrível, coisa assim como uma metralhadora, cabeça e rabo encafuados em carapuços de sola.

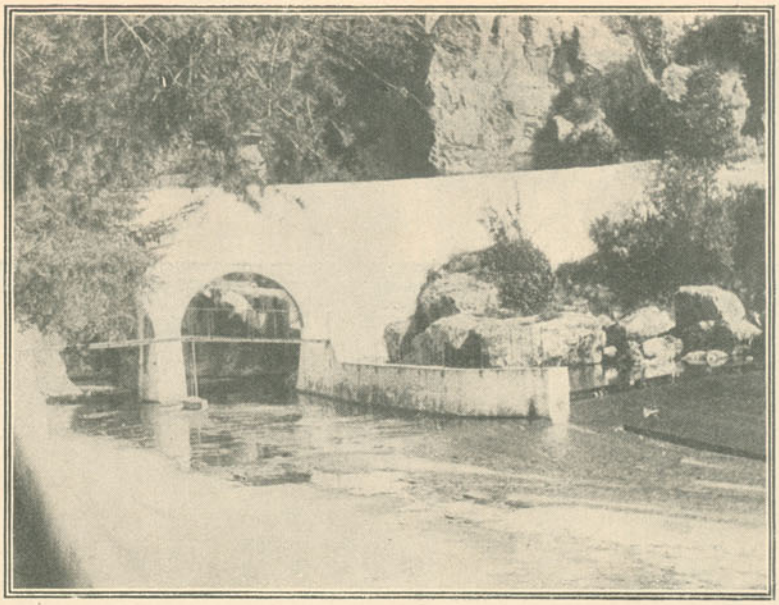
Aquela tralha tôda é a complicada aparelhagem da tomada de vistas cinematográficas e êste homem, perdido comigo numa alcandorada serrania à busca do «algar» incógnito, homem que delirára numa alegria primitiva, pela manhã, ante uma melancia rubra da Borda d'Agua e agora cabeceia de sono e fadiga é um cidadão de Budapest, Luis Gänsler de nome, loiro, branco e magro de sua pessoa, operador de sua profissão. Também êle grimpára até ali, como eu, para passar ao mágico celulóide as vistas necessárias para mostrar aos lisboetas os trabalhos, as canseiras, a competência e o esfôrço que são precisos para trazer de tão longe aquela água bendita que... falta nos nossos contadores citadinos durante o abençoado império dêste sol que aloira os trigais e enriquece os empresários de gasosas.

Mas por fim, porque tudo tem um fim, chegámos ao fim da tal meia légua, depois de suas boas seis horas de grimpar penedos. Estavamos à beira dum poço medonho de bordo denteado, aberto no granito e cuja entrada, algumas figueiras bravas, traiçoeiras, mascaravam com manha e arte. Era impossível descer àquela hora violeta do crepúsculo.

O conselho dos montanhezes propôs-me a noitada na serra e que se esperasse a luz da manhã para pôr em jôgo a tralha pesada de roldanas e cordas, que trouxeramos para descer à bocarra negra. Comuniquei a decisão ao hungaro que me olhou com cara de *casus belli* e se estiraçou logo entre umas penhas gemendo dorido.

— Zut... alors!...

A linda ribeira de Ameais que dá origem ao Alviela



A captação das águas do Alviela na sua origem

E adormecemos mail'as mulinhas e os campónios, sob a protecção do Senhor.

Descemos pela manhã ao algar, do Ladoeiro denominado. Uns metros abaixo da entrada começa um paraiso, um paraiso subterrâneo a zombar dos mitos e a reclamar à laia de Baedeker exemplificador uma viagensinha aos infernos em *Sleeping*. Cá fora, na corcova da montanha, a aridez mais completa e absoluta, ali, dois ou três metros dentro da enorme boçarra hiante, uma fertilidade que assombra. Água, nem gota se vê, mas a vegetação é maravilhosa. Fetos arborescentes, rositas silvestres, medronhos ácres e amoras dos valados, avencas da beirinha d'água, musgosinhos verdoengos de cascatas e à medida que, arquejantes, vamos fugindo da luz do dia, descendo à profundidade imensa do algar, as mãos crispadas numa corda de linho, os pés tenteando os pedregulhos escorredios das paredes, vamos mergulhando numa selva de verdura fresca, consoladora, plantas que vivem da água que não vemos mas que sentimos pairar em volta na humidade do poço, latejar naquela vida por ela criada. Chegámos a uns dois centos de metros de profundidade e a luz vacilante que nos alumia vai cuspindo laivos pálidos sôbre as estalactites que descem da abóbada sonora, num trabalho incessante da água de há muitos sêculos para cá. O húngaro amigo que, até ali

Nos Olhos d'Água: a primeira porção do canal que conduz a água do Alviela até Lisboa

Uma sociedade primitiva: a população inteira da Serra de Santo António entre o pároco e o regedor

de forma humana, grutas horridas, rochedos semelhando bichos ou plantas feitas pedra, começam a fusilar raios de luz, relâmpagos de magnésio, clarões deslumbrantes e sôa a todo o instante o *clic* da máquina fotográfica ou o moinho metálico da «tomada de vistas». No alto do poço ouvem-se, muito longinquos, os gritos do rapazio de guarda às mulas apupando os morcêgos que saem tontos, cegos, espavoridos, pensando que Jehovah os fôra excomungar ao seio da terra, expulsando-os das suas tocas a poder de fulminantes coriscos, brotando da sua mão divina. Não viramos ainda nem uma gota de água, aquela água do estribilho espanhol.

Por montes e vales, a pé, a tralha às costas de possantes campónios, descemos a Olhos d'Água, o ponto delicioso onde a água da ribeira de Ameais subterrânea, brota enfim da rocha num caudal fresco e purissimo. Ao ver a nascente o hungaro e eu, mártires na serra do vinho ácre e do sistema higiénico da malga de água salôbra, lançámos gritos selváticos de alegria. De bruços, à saída da rocha, em plena natureza, bebemos alguns litros daquela água sem clorêto, que, alguns metros abaixo era assaltada pela cubiça dos homens, aprisionada num açude, obrigada a sair do leito que Deus lhe deu e a entrar em aparelhos complicados de tortura que a comprimem, a começam a sujar e a fazem entrar a custo num cano redondo, sem ar nem luz, que a vai conduzir até lançára a espaços ruidosos «épatant!... épatant!...» recusa-se a descer mais.

Estamos numa ampla cripta e o homem tem razão em querer ficar ali. Levaramos o nosso pesado material cinematográfico a uma profundidade que, possivelmente, ninguem atingira ainda nas mesmas condições, sem luz, sem transportes, sem interêsses compensadores além do capricho de apresentar o inédito à multidão. Começámos a trabalhar. Numa fúria inédita para aquelas abóbadas fantásticas, cachoupos Lisboa, a casa de certos felizes que ainda podem beber água... em garrafões do Luso. Depois, olhamos em redor. Com a água, viera ao vale a benção do Altíssimo. Na impossibilidade física de cairmos apenas de joelhos, demos graças a Deus de papo para o ar, olhando por entre a ramaria o céu vasto e imenso e ali adormecemos, regalados, à sombra, à fresca, junto da água ainda livre, que ia prêza mais lá, para o cano lôbrego e nunca, nunca mais chegava às bôcas dos lisboetas sedentos. Por fora do açude, a-pesar-da estiagem, ia ainda muita água. Mas para que pensar mais nela se ela era a

Água que no has de beber...

do estribilho hispano?

JOÃO DE SOUSA FONSECA.

(Clichés de Luis Gänsler.)

O «amo e senhor», o orgulhoso dono da casa, viu-se reduzido pela necessidade...

AS JOIAS DA CINEMATOGRAFIA

AMO E SENHOR (Le maitre du logis) Astrid Holm — a espôsa, Johs Meyer — o marido, Mathilde Nielson — a ama Mad. Enscenação de Charles Th. Dreyer.

Numa grande cidade do norte, o amor formou um lar modesto mas confortável e trouxe ao casal assim formado a alegria dos filhos. Mas o marido que, no fundo não é um homem mau mas é egoista, pensa que, o facto de ser êle que ganha o dinheiro para a casa, o põe em situação culminante dentro do lar, que o torna verdadeiramente «amo e senhor», cuidando que só êle tem o mérito do verdadeiro trabalho. Sua mulher, mãe carinhosa, sofre em silêncio a dureza e a injustiça de seu marido e cumpre sempre dentro do seu lar a missão anónima de esposa e mãe, sem nunca se queixar. No entanto, a velha Mad, que foi ama do dono da casa, segue com indignação o egoismo dêste e o seu desmedido orgulho. Como a pobre espôsa adoeceu à fôrça de trabalhos, a velha ama envia-a para o campo para que repouse. E eis o «Amo e Senhor», o orgulhoso dono da casa, obrigado a fazer tudo dentro do seu lar, a servir-se a si próprio, a tratar dos filhos. Só então se apercebe da sua responsabilidade e da sua culpa, compreendendo então o esfôrço gigantesco da mulher dentro do seu lar. Quando a esposa regressa, curada, o marido promete a si próprio honrar dali em diante a companheira modesta que tantas vezes cumpre heróicamente o seu dever e que, como espôsa e mãe, sustenta o mundo nas suas frágeis mãos.

(Produção Palladium Film — Copenhague.)

A velha ama que trouxera ao colo o orgulhoso «amo e senhor» partiu também... — E o marido insensato teve que reconhecer o sublime e obscuro heroismo da espôsa...

A beleza de Marcia, seduziu o tirano

Roma ardeu numa fogueira infernal para que Nero se inspirasse e compuzesse um poema imortal

NERO — Jaques Gretillat — Nero, Paulette Duval — Popéa, Violet Mersereau — Marcia, Alexandre Salvini — Horácio.

NERO, tirano temido, monstro de orgulho, reina ferozmente na Cidade Eterna. O palácio do último dos Césares é o templo da orgia e da luxuria. Nero é adorado por Artea, antiga escrava grega que o ama desde a mais extrema juventude, quando o imperador, nascido na pobreza o elevara a êle e tomara depois o sceptro imperial, mas há muito que a desgraçada rainha desempenha na côrte um papel muito apagado. Outra mulher, em Roma, ama Nero; a orgulhosa Popéa, esposa de Otão. Popéa, com a cumplicidade do favorito Tulio, imagina fazer-se raptar pelos soldados de Nero para dêste modo entrar no palácio. Depois de prometer a Tulio que o fará nomear proconsul da Ilha de Chypre, caso logre subjugar Nero, Popéa deixa-se levar à presença do tirano. Em breve a formosa mulher prende a si o coração do imperador. Um dos generais mais famosos do exército romano, Galba, encarrega o seu ajudante Horácio de se apoderar da filha do vencido rei dos Vannios e a levar a Roma como refem. Mas Horácio, cumprida a primeira parte da sua missão, enamora-se profundamente de Marcia. Confessa então a Galba que quere seguir Marcia a Roma e pedi-la a Nero, mas o velho caudilho, conhecedor das cóleras do tirano, dissuade-o de tal fazer enquanto não sufocar a rebelião da Ibéria e puder então voltar aureolado pela glória. Horácio assim procede e ao voltar desperta o amor de Popéa que é agora a verdadeira imperatriz de Roma. Organiza-se a festa e Horácio deve manifestar um desejo que, segundo o habito é sempre satisfeito ao vencedor. A-pesar das insinuações de Popéa, Horácio pede a felicidade de possuir Marcia. O imperador acha que o dom duma jovem estrangeira é pouca coisa como recompensa dos seus méritos guerreiros mas cede em vista da insistência do jovem vencedor. Mas Horácio atraiu sôbre si o ódio da favorita de Nero cujo amor desdenhou. Também Tulio a quem Popéa não recompensou devidamente decide fazer com que alguma nova beleza suplante a favorita no coração de Nero e para isso põe Marcia em presença de Nero no dia em que a captiva vai ser entregue, pública e festivamente, a Horácio. O tirano prendado de Marcia não quer no entanto voltar com a sua palavra atrás recusando-a a Horácio que se prepara para lha arrebatar com a ajuda das suas legiões. É Horácio quem leva a jovem consigo mas ela já lhe não pode pertencer. O cristianismo apoderara-se dela enchendo-lhe a alma de mística pureza. Marcia só casará pela lei de Deus, com um cristão como ela. Túlio, maquiavélico, concebeu um plano que regozija Nero e deleita as suas taras infames. Roma arderá por todos os lados e inspirará Nero para um poema imortal. Mas o furor do povo, acossado pelo incêndio, brota terrivelmente por tôda a parte e até já os soldados, filhos do povo, gritam: «Abaixo o tirano!... Morra Nero»!!...

Popéa fez-se arrastar até à presença do Imperador com o fim de o seduzir com os seus encantos

Este, para se desculpar, cheio de pavor, acusa os cristãos do medonho crime e manda-os deitar às feras do circo, aos montões, entre o gáudio da plebe. Horácio, para salvar Marcia que está na leva de condenados, desafia Nero para uma corrida de carros pedindo como prêmio, se ganhar, a liberdade dos últimos cristãos entre os quais está a amada. Mas Nero ganha e Marcia, com o seu hercúleo escravo, vê-se obrigada a descer à arena candente do circo onde vai ser devorada por um leão. Mas Deus dera poder sobrenatural ao escravo e êste vence a fera. Porém Nero, a-pesar disto, manda sacrificar a filha do rei dos Vannios. Mas neste momento, Horácio e Galba, à frente das legiões, cerca o circo e assalta-o e enquanto Galba é aclamado Imperador, Nero é acossado como uma fera humana, fugindo cheio de terror. Numa derradeira perversidade mata Popéa pisando-a a pés e morre às mãos dum soldado a quem pede a morte que não tem coragem de dar a si mesmo.

E para a filha do rei dos Vannios e o seu heróico Horácio, abrem-se as portas da felicidade.

(Edição Fox Film.)

▪ ▪ ▪

Morreu Rodolfo Valentino. O homem que mais paixões femininas despertou, o latino que subiu a um dos mais altos postos do cinema americano, o criador de «Os quatro ginetes do Apocalipse», «Aguia Negra», «Cobra», etc., morreu prosaicamente duma vulgar apendicite. Estava noivo de Pola Negri a mulher cujos olhos são fatais!...

▪ ▪ ▪

O célebre romance de Jean Richepin «La Glu» está sendo filmado sob a direcção de Henri Fescourt. Os seus intérpretes principais são Gerumaine Rover, Jeanine Lequesne, André Dubosc, André Marnay e François Rozet. Os exteriores são feitos na Bretanha.

▪ ▪ ▪

«L'Homme a l'Hispano» de Pierre Frondaie continua em filmagem sob a direcção de Julien Duvivier. Uma das casas que tem servido para as mais belas scenas é a famosa vila de Cambo que pertenceu a Edmond Rostand.

Feminina

PARA OS ÚLTIMOS DIAS QUENTES

A moda do verão desinteressou já os buriladores da elegância feminina. Neste momento, só as peles e os tecidos pesados e quentes, os preocupam, porque, fiéis ao princípio de só fitarem os olhos no futuro, experimentam insensivelmente os primeiros arrepios de frio, tanto se crêem já em pleno inverno à fôrça de para êle moldarem a moda.

A estação, porêm, não se precipita na vertigem de insaciabilidade irrequieta da maga caprichosa. Bem pode ela empenhar-se em recomendar-nos *manteaux* confortáveis, peles quentes, tôda uma colecção de abafos, enfim, que fará as delícias da mulher portuguesa lá para os fins de Novembro, mas que, por enquanto, êste magnífico verão, que apoiado ao braço do outono promete viver ainda por muito tempo, a obriga a repudiar.

O triunfo dos vestidos leves, perdura, portanto. Mas não se imagine que as toilettes de fins de estação guardam intactas as características predominantes das suas predecessoras estivais. Alguma cousa recolhem já da ideia da moda outonal; como por exemplo a tendência para cumular na frente dos vestidos todo o interêsse das guarnições. Os três modelos que publicamos, surpreendidos uma tarde em Biarritz e S. Jean de Lux, mostram à evidência que a ideia teve caloroso acolhimento. O terceiro modêlo, principalmente, ostentado pela gentil condessa de L..., é duma originalidade flagrante, no realce da *corbeille* de flores policromas, hábilmente matisadas, sôbre a brancura mate do crepe georgette em que é aplicado.

COMO TRATAREMOS OS NOSSOS LIVROS

DENTRE as impressões desagradáveis que se nos deparam, no rolar monótono da vida rotineira, há uma que sempre nos fêre de desgôsto, alagando-nos a alma de desconsôlo: uma biblioteca desalinhada, atulhada de livros esfolados, rôtos, miserandos, enfim. Como é triste ver êsses amigos dilectos do nosso espírito assim maltratados! E como em vez de nos atraír, uma biblioteca assim desprezada, nos afugenta!

E todavia, com um pouco de trabalho, gôsto e vontade, é fácil restaurar os livros usados, dando-lhes uma aparência de frescura e garridice, que os tornará de novo atraentes.

Uma biblioteca feminina, depois da escolha das obras, deve marcar pelo arranjo, conservação e gôsto artístico dos livros. Actualmente, as encadernações são caras, predominando nas vitrines as brochuras que mal resistem ao primeiro manuseio. Importa pois que a mulher, ciosa como deve ser do equilíbrio estético do seu lar e do meticuloso arranjo de quanto lhe pertence, aprenda a cuidar dos seus livros, empenhando-se em restituir-lhes uma aparência de frescura, embelezando-os quanto possível, para que, depois cuidadosamente arrumados na sua pequena biblioteca, constituam uma afirmação do bom gôsto e do cuidado da *menagère*.

O estado dum livro, identifica psicológicamente a sua possuidora.

Ora, como nenhuma mulher gosta de ser retratada em condições desfavoráveis para o brilho do seu prestígio feminino, será prudente que tôdas as senhoras prestem um pouco de atenção aos seus livros, evitando que êles caiam sob olhos observadores quando não se apresentem devidamente tratados.

O aspecto exterior dum livro, — abstraindo, é claro, do valor literário ou scientífico da obra, — é o que primeiro atrai a atenção.

Assim, para evitar que a brochura se deteriore, reforçando-a e alindando-a, pode-se revesti-la com uma capa de qualquer tecido de algodão ou sêda, — conforme a importância e género da obra. — Para êste fim escolhem-se tecidos de fantasia, destacando-se os desenhos escossezes, os lavrados evocadores das sedas antigas, e ainda os cretonnes, sempre graciosos e alegres.

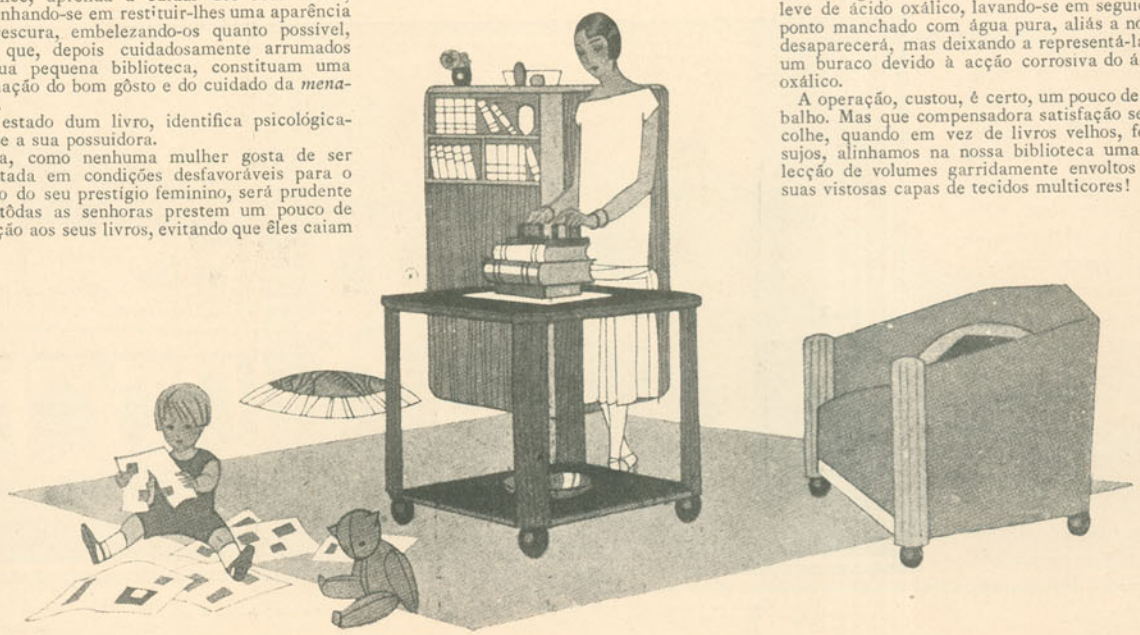
Para se confeccionar uma capa neste género, principia-se por cortar duas fôlhas de cartão fino à medida do livro ou antes, excedendo-o meio centímetro em cada face. Corta-se em seguida o tecido dando-lhe a mais em todo o contôrno do livro aberto, uns dois centímetros. Coloca-se no centro do tecido, no sentido vertical, uma tira de cartão rijo da largura exacta da lombada do livro; cola-se com goma arábica, ou cola própria. Junto a esta tira central, colocam-se os dois cartões; dá-se um golpe vertical no tecido, de cada lado da tira da lombada, na parte superior e na inferior; volta-se o tecido para dentro, a debruar a lombada nas duas extremidades; faz-se o mesmo ao tecido que corre à volta dos dois cartões rectangulares; depois de os ter colado ao tecido, — rematam-se bem os cantos, e forra-se tudo com um pedaço de chita fina, que deve contornar bem, com a necessária folga, o interior da lombada. Feito isto, forram-se com a mesma chita outras duas fôlhas de cartão, ou simples papel forte, e aplicam-se sôbre as primeiras, na face interior, colando-as nas três faces: superior, anterior e inferior, deixando-as abertas, em forma de carteira de cigarros, junto às dobradiças da lombada. Terminada a execução da capa, mete-se nesta, com cuidado, sob as duas aberturas preparadas para êsse fim, a capa do livro, fecha-se êste com cuidado e coloca-se sob a pressão igual dum pêso suficiente para o endireitar. Uns dois ou três livros grandes e pesados, servem para o efeito, à falta duma prensa.

Duas ou três horas depois, teremos nas mãos um coquette livro, que só pelo título nos lembra a mesquinha brochura amarelecida e amarrotada pelo uso.

Sucede freqüentemente os livros muito folheados apresentarem os cantos das fôlhas muito enrolados, o que produz um desagradabilíssimo efeito. O mal, entretanto, é fácil de atenuar. Para isso humedecem-se as fôlhas com água pura, enrolam-se no sentido contrário, dispõem-se direitas, fecha-se o livro e coloca-se sôbre êle um outro livro pesado até as fôlhas secarem por completo.

Se as fôlhas apresentam nódoas de gordura, ou de ferro limpam-se, as primeiras com éter, — sem esfregar, — e as segundas com uma solução leve de ácido oxálico, lavando-se em seguida o ponto manchado com água pura, aliás a nódoa desaparecerá, mas deixando a representá-la... um buraco devido à acção corrosiva do ácido oxálico.

A operação, custou, é certo, um pouco de trabalho. Mas que compensadora satisfação se recolhe, quando em vez de livros velhos, feios, sujos, alinhamos na nossa biblioteca uma colecção de volumes garridamente envoltos nas suas vistosas capas de tecidos multicores!



A SOCIEDADE DAS NACÕES NA ÁFRICA OCIDENTAL

NIGÉRIA (CIDADE DE LAGOS) — Nos jardins do Hospital Indígena — Grupo dos delegados médicos da Sociedade das Nações

A evidência com que a guerra, mais ainda, pôs em foco a importância que as colónias têm para as respectivas metrópoles, intensificou o interêsse, de vários modos manifestado, que aos meios internacionais merecem as coisas de África.

É geralmente pela maneira como alguns povos colonizadores tratam as populações autóctones das colonias respectivas, que se procura atacá-los, por vezes invocando um falso humanitarismo que apenas serve para encobrir ambições ou interêsses inconfessáveis.

O que há 20 anos se passou com o Congo Belga, depois com a nossa colónia de S. Tomé (campanha Cadbury) e ultimamente com o famoso relatório Ross, sôbre Angola e Moçambique, são claros exemplos do que afirmamos.

É por isso que, actualmente, a protecção e assistência ao indigena africano é um dos sérios problemas que preocupam a S. D. N., mostrando a maneira como êstes assuntos são tratados na Comissão dos Mandatos e os trabalhos das Comissões de Escravatura e de Higiene a importância que lhe merecem.

Por isso a Comissão de Higiene da Sociedade, de que faz parte o eminente professor português, Dr. Ricardo Jorge, enviou uma comissão internacional de 16 médicos coloniais e higienistas ilustres a visitar algumas das colónias da África Ocidental, dez das que ficam entre o Senegal e a Nigéria.

Essa Comissão, de que fizeram parte dois distintos médicos coloniais portugueses, o coronel médico Dr. Damas Mora, organizador do brilhante congresso de Medicina Tropical de 1923 em Loanda, e o Dr. Augusto Ornelas, a quem a nossa Medicina colonial muito deve também, foi encarregada de *in loco* observar e estudar a melhor maneira de se prestar a Assistência Social e principalmente a Assistência Médica aos indígenas.

Os dois médicos portugueses veem maravilhados com os progressos sanitários e de assistência médica que observaram nas dez colónias visitadas e estudadas. Segundo se depreende, êsses progressos parece que marcam uma *nova directriz* na assistência social e médica às populações africanas.

«Salutar exemplo foi êste de várias grandes colónias escancararem as portas dos seus Hospitais Indígenas, Hospitais de Crianças, inúmeras Maternidades, Dispensários, Institutos e Escolas Primárias, Escolas Técnicas e Superiores, Parques Vacinogénicos e... Prisões.»

Em tôdas as colónias que visitaram, encontraram êstes delegados da S. D. N. as maiores facilidades para o desempenho da sua alta missão e o melhor e mais atencioso acolhimento por parte das autoridades. Houve porém uma excepção a confirmar a regra e essa, infelizmente, demo-la nós com a nossa Guiné, que também devia ter sido visitada e que o não foi.

Tiveram os membros da Comissão que se dividir em grupos para poderem visitar tôdas as colónias, e assim partiram de Dakar para a nossa Guiné, via Zinguichor, o presidente da

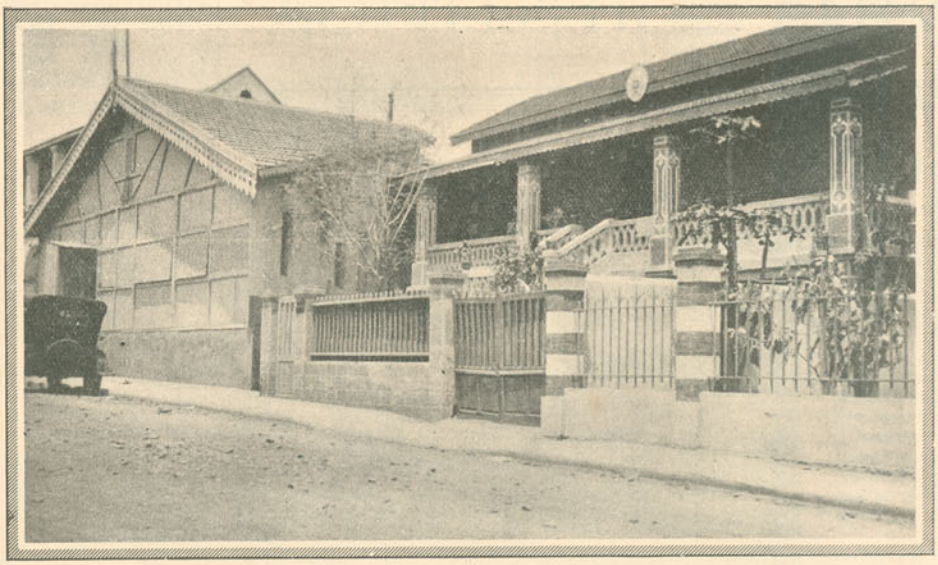
COSTA DO OURO (CIDADE DE ACCOÁ) — Hospital Indígena (Face posterior do pavilhão de entrada)

(Cliché Ornelas)

comissão com o Dr. Damas Mora, sendo acompanhados pelo nosso prestimoso e inteligente Consul em Dakar, F. da Silva Passos. Uma vez em S. Domingos, sêde de circunscrição portuguesa, perto da fronteira, a-pesar das ordens do Govêrno de Lisboa e dos telegramas e cartas enviados de Dakar ao govêrno da Guiné, para que fôsse enviado um transporte que conduzisse os delegadas de S. Domingos para Bissau e Bolama, só ao fim de 3 dias de espera enervante e quando já tinham que regressar a Dakar, apareceu um gasolina para os transportar a Bissau! Uma vergonha, cujo alcance os seus responsáveis nem podem medir, e que decerto se não daria se o Governador da Guiné, por razões de serviço, nessa ocasião não estivesse fora da colónia, na metrópole.

Após o 1.º Congresso de Medicina realizado em Loanda, e depois desta visita de estudos, diz-nos o Dr. A. Ornelas, a política da assistência aos indígenas de todo o continente africano, leva um rumo certo e insofismável. Portugal que deu essas bazes, hoje tão apreciadas em todos os meios scientificos coloniais, ou acompanha êste progresso, com realizações práticas e positivas, ou vê sèriamente ameaçado o seu prestigio como nação civilizadora.

Em breve a S. D. N. enviará idêntica comissão de visita às restantes colónias da África Ocidental. Angola, que tão discutida tem sido e é nos meios internacionais, vai ser visitada.



Senegal (Cidade de Dakar) — Consulado de Portugal

(Cliché Ornelas)

Embora se não possa repetir a vergonha passada com a Guiné, mais vale prevenir que remediar. Ainda agora um médico colonial ilustre me dizia com respeito a essa provável visita a Angola: «Urge arrumar a casa e, havendo desordem, pôr-lhe um pouco de ordem, quanto mais não seja para salvar as aparências». E muitas vezes as aparências valem tudo.

Cada vez se torna mais necessário que mostremos ao mundo civilizado a nossa capacidade para administrarmos a formidável herança que os nossos antepassados nos legaram — o nosso império colonial.

Temos uma obra grandiosa realizada no ultramar, que o estrangeiro desconhece e Portugal mal começa a-penas a conhecer ainda.

Só por meio duma inteligente e enérgica propaganda conseguiremos tornarmo-nos conhecidos assim como à nossa obra colonial, sendo mais que um acto de má administração, um verdadeiro crime, não aproveitarmos devidamente tôdas as oportunidades que se nos ofereçam de afirmar o valor da obra colonizadora dos portugueses.

O Congresso de Medicina Tropical realizado em Loanda, em 1923, sob a égide dêsse grande português e grande colonial que é o general Norton de Matos, valeu mais pela esplêndida obra de propaganda que realizou, do que tudo o que até então se figura.

É de esperar que o novo Alto Comissário de Angola, conhecedor como poucos dos problemas instantes da colónia, dê novo impulso às realizações sanitárias esboçadas durante o govêrno daquele seu antecessor; e que nessa orientação se prepare uma participação condigna dos nossos médicos no próximo congresso que se realizará brevemente em Dakar.

A. Z. C.

Senegal (Cidade de Dakar) — Maternidade Europeia

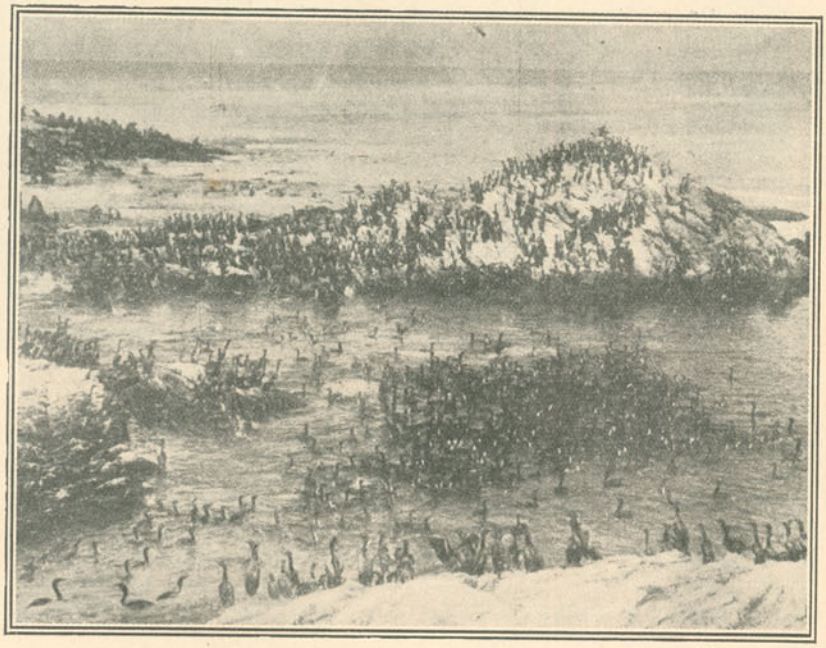
(Cliché Ornelas)

AS ILHAS DE GUANO

Até por 1840 realizavam-se fortunas com o guano das ilhas peruvianas, mais fácilmente do que com a descoberta de minas de ouro. Eram as riquezas acumuladas durante séculos que tinham sido postas a saque. O Estado, que havia contraído empréstimos, viu-se obrigado a fazer concessões das ilhas de guano para caucionar êsses empréstimos e satisfazer os seus compromissos; e as companhias concessionárias não só praticavam a exploração sem atender ao futuro, como também não sabiam impedir vandalismos por parte de indivíduos a elas estranhos.

Pois eram bem ricas de guano essas ilhas do Perú quando a exploração recomeçou, no século XIX. Com a conquista espanhola desapareceram a agricultura e a indústria do império dos Incas, e as aves marítimas foram durante alguns séculos únicas possuidoras das ilhas. Ali recolhiam e faziam seus ninhos, cobrindo o terreno de sucessivas camadas de estrume que, não recebendo chuvas naquele clima tórrido, conservava através dos tempos a sua riqueza em elementos fertilizantes. As camadas sobrepunham-se atingindo tais alturas, que a exploração desregrada de meados do século passado fez baixar de 30 metros o nível duma ilhota.

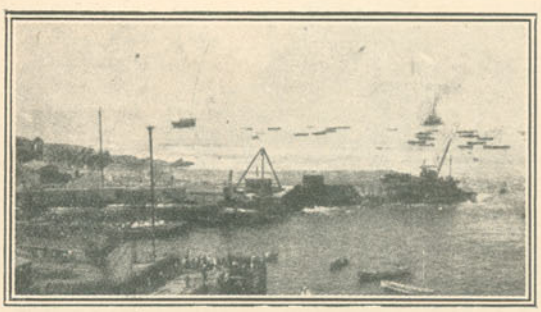
Em fins do século os jazigos de guano podiam considerar-se extintos. O govêrno peruano empreendeu então reconstituí-los, e como trabalho prévio encarregou dois distintos ornitologistas, um inglês e um americano, do estudo respeitante aos costumes das aves da região, e efectivou uma activa propaganda procurando interessar o espírito público nessa questão. Tôdas as ilhas de guano, com excepção de duas ainda presas a uma concessão, foram submetidas à administração duma companhia nacional autónoma que editou e faz cumprir severos regulamentos.



Ilhas de guano: Aves poisadas

Já no tempo dos Incas havia regulamentação concernente às ilhas de guano, com o fim de dar protecção às aves. Assim o afirmou Garcilaso de la Vega, descendente dos antigos imperadores peruanos. Com êsse guano conseguiam os indígenas preparar para cultura terras desérticas de planaltos situados a 3.000 e a 4.000 metros de altitude.

Hoje é proibida a visita às ilhas sem licença especial, havendo em cada ilha os guardas necessários para fazer cumprir os regulamentos. Não há, pois, roubo de ovos, nem extracções clandestinas de guano que não respeitam os ninhos nem a vida das aves adultas. Extraído o guano, em época própria, a ilha fica durante trinta meses, pelo menos, em repouso. Atiradores hábeis procuram dar caça aos condores que descem dos Andes para a caça das aves novas e roubo dos ovos que estão chocando nos ninhos.



O porto de Molendo, centro de exportação de guano

Estas providências deram já resultados apreciáveis. Reconstituem-se imensos bandos que, ao pôr do sol, cobrem o chão das ilhas, e que são principalmente compostos de pelicanos, corvos marinhos e ainda outras espécies. Os corvos marinhos são os que mais abundam e os que merecem, pelos seus hábitos especiais, mais particular menção. Chamam os peruanos *guanay* a essa ave cujo nome scientífico é *Phalacrocorax Bouzainvillei*. São aves de bom porte que suportam a presença do homem, do qual se aproximam, quando habituados a êle, até uma distância de 3 ou 4 passos. Calcula-se haver, em média, tres ninhos por cada metro quadrado de chão.

O *guanay* espreita o peixe mantendo-se no ar e só baixa à água depois de o ter visto. Alimenta-se de anchovas, de arenques novos e outras espécies que vivem próximo da superfície do mar, e forma colónias manifestando espírito associativo como o das formigas.

Ao nascer do dia saem as vedetas que voam para um e outro lado, sôbre o mar, em busca da prêsa. Logo que descobrem um banco de peixe, voltam atrás e pairam, e logo todo o bando de aves se levanta, não irregularmente mas cobrindo uma larga facha de ceu em filas regulares. Sôbre o banco de peixes, a formatura muda para a de leque, e só então mergulham na água. Cada *guanay* pode absorver numa dessas refeições algumas dezenas de pequenos peixes.

Findo o dia voltam para as suas ilhas, onde têm os ovos que os homens respeitam e defendem dos grandes abutres dos Andes. Ali depositam as fezes que, mais tarde, convertem áridos terrenos longíquos em terras férteis de pão.

F. MIRA.

PASSATEMPO

PALAVRAS CRUZADAS

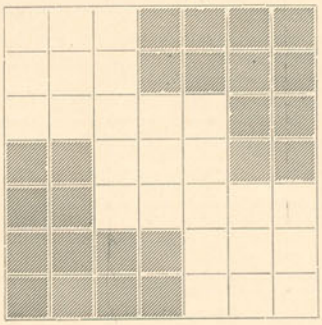
(Solução ao 17.º número)

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17
1	A	R	I	A	■	■	■	■	■	■	■	■	■	A	M	A	R
2	R	U	A	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	A	T	E
3	R	A	■	M	A	L	■	■	■	■	■	R	I	P	■	O	S
4	A	■	■	A	■	A	I	A	■	M	A	E	■	R	■	■	P
5	B	■	■	C	A	■	■	L	U	A	■	■	R	E	■	■	O
6	A	■	■	A	M	I	C	I	S	S	I	M	O	S	■	■	N
7	L	■	■	C	E	R	A	■	O	■	A	I	D	A	■	■	D
8	D	O	■	A	I	■	L	A	■	E	S	■	A	S	■	P	E
9	E	R	A	■	A	S	■	S	U	L	■	A	S	■	M	E	U
10	■	A	T	A	■	O	S	■	■	■	A	I	■	N	A	S	■
11	■	■	O	B	I	■	E	L	V	A	S	■	P	O	R	■	■
12	■	■	■	A	R	■	■	I	A	S	■	■	A	R	■	■	■
13	■	■	E	S	■	A	D	■	■	■	T	U	■	A	U	■	■
14	■	U	M	■	O	V	O	■	■	■	A	L	I	■	M	O	■
15	E	M	■	C	R	E	A	■	■	■	O	M	A	N	■	S	E
16	L	■	P	A	O	■	■	■	■	■	■	■	■	S	O	L	■	M
17	■	V	A	N	■	■	■	■	■	■	■	■	■	S	A	L	■

■ ■ ■

PALAVRAS CRUZADAS

(Passatempo)



S	S	S	U	U
U	V	A	A	A
A	D	D	E	E
E	E	L	L	L
L	I	I	T	T

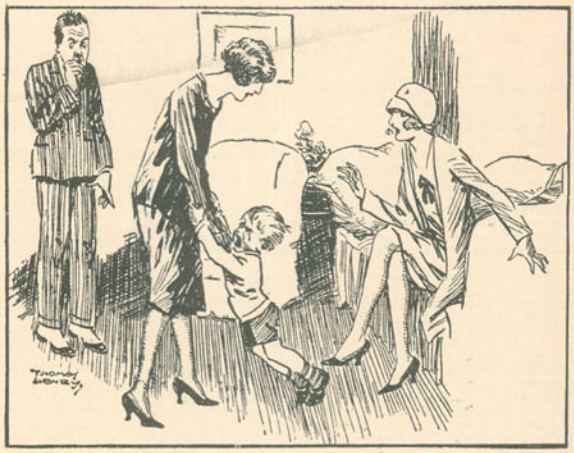
Definições:

Exclamação de incitamento. — Cidade e rio de Marrocos. — De que se faz o vinho. — O maior bem. — Um brinde. — Rio da Suécia. — O escol, o que há de mais distinto. — Sinal ortográfico. — Pronome pessoal. — Bagatela. — Cesto de bambu usado pelos indios.

■ ■ ■

Evaristo: — Afinal o médico disse-te o que tinhas?

Octávio: — Não; levou-me tudo quanto eu tinha, mas não me disse nada.



Luizito: — Não quero dar um beijo a esta senhora, não, que ela deu uma bofetada ao papá quando êle lhe deu um.

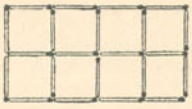
—Vem um artigo neste jornal dizendo que os casamentos entre pessoas com qualidades opostas, são os mais felizes.

— Sim; por isso é que eu ando à procura duma rapariga com dinheiro.

■ ■ ■

AINDA OS FÓSFOROS

(Passatempo)



Disponham vinte e dois fósforos a formar oito quadrados como se vê na gravura.

Tirem, em seguida para fora seis fósforos apenas, de modo que fiquem quatro quadrados.

■ ■ ■

O inquilino, dirigindo-se à porteira:

— Tem algumas cartas para mim?

— Não sei, meu senhor, ainda não as li!

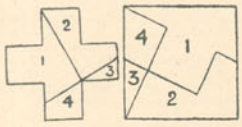
■ ■ ■

Ela (pretenciosa): —Desconfio que sou muito mais velha do que o senhor me imagina.

Êle (pouco amável): — Duvido, minha senhora.

A CRUZ E O QUADRADO

(Solução)



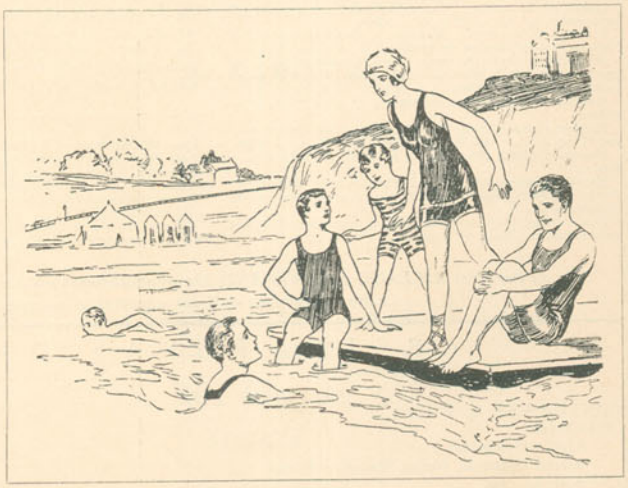
O desenho da esquerda mostra como se corta a cruz, e o da direita como os pedaços se unem para formar o quadrado.

■ ■ ■

O duque de Wellington disse ao comandante do regimento que deveria tentar o primeiro ataque, extremamente difícil, contra S. Sebastian.

— O seu regimento é o primeiro neste mundo.

— Efectivamente, respondeu o oficial e não tardará a ser o primeiro no outro.



Além dêstes seis há mais quatro banhistas. Vêem-os?

BIBLIOGRAFIA PORTUGUESA

EXTRACTO DA RELAÇÃO DAS OBRAS REGISTADAS NA BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA EM AGOSTO DE 1926

LITERATURA

ALCOCK (DEBORAH) — *Os Irmãos espanhois* ou a *Descoberta do El Dorado*. (Ilustrações de Sr. Mendez Bringa). 3.ª ed. — 414 p. 8.º — 11$00.

AMADO DE AGUILAR (AUGUSTO) — *Da minha caça velhinha...* (Versos). — 84 p. 4.º — 6$00.

ANDRADE (FRANCISCO DE) — *Camões e o platonismo*. (Um Problema de critica literária). — 95 p. 8.º

BOTELHO (ABEL) — *Fatal dilema*. (Romance). 3.ª ed. — 503 p. 8.º — 14$00.

BRANDÃO (RAUL) — *A morte do palhaço e o misterio da árvore*. (Ilustrações de Martinho da Fonseca). — 291 p. 8.º — 10$00.

CALDAS (JOSÉ LUIS DE) — *A maçã do pecado*. (Sonetos). — 56 p. 8.º

CARNEIRO GERALDES — *Fumo*. Romance. — 224 p. 8.º c. cap. il. — 10$00

CASTELO BRANCO (CAMILO) — *Doze casamentos felizes*. (Romance). 7.ª ed. — 211 p. 8.º — 7$50.

CHANTEPLEURE (GUY) — *A mysteriosa bem-amada*. (Romance). Trad. por Oldemiro Cesar. — 307 p. — 10$00.

COELHO DE CARVALHO — *O Gran doutor*. (Psicose de «Fausto»). Tragicomédia, em um prólogo e cinco jornadas andadas em Coimbra nos fins do século XVII. — 391 p. 8.º.

CORDEIRO RAMOS (DR. GUSTAVO) — *Algumas considerações sôbre a epopeia alemã «Kudrun» a proposito das referências que ali se fazem a Portugal*. — 57 p. 8.º

EÇA DE QUEIROZ — *A Capital* (Romance). 3.ª ed. XLI, 573 p. 8.º — 15$00.

FIGUEIREDO (CANDIDO DE) — *Falar e escrever*. Vol. II. 3.ª ed. — 309 p. 8.º — 9$00.

FORJAZ DE SAMPAIO (ALBINO), organizador — *Sá de Miranda, a sua vida e a sua obra*. (Colecção Patricia). — 16 p. — 2$50.

GONÇALVES (NAPOLEÃO) — *Eterno motivo*. (Versos). 70 p. 4.º

GRAVE (JOÃO) — *Reflorir*. (Romance). 3.ª ed. — 283 p. 8.º — 7$00.

LA BRUYÈRE (M.) — *Flôr de lis*. (Romance). Versão de Alvaro de Vasconcelos. — 299 p. 8.º — 10$00.

MACHADO (ELLEN THORN), tradutora — *Cartas do outro mundo ditadas a Elsa Barker*. 2.ª ed. — 295 p. 8.º — 7$00.

MANTEGAZZA (PAULO) — *Os caracteres humanos*. Trad. por Joaquim Leitão. 3.ª ed. — 324 p. 8.º — 8$00.

MARQUES JUNIOR (HENRIQUE), adaptador — *Aladino ou a Lampada maravilhosa*. (Biblioteca Maravilhosa para Crianças — N.º 1, 62 p. 8.º c. capa il. e grav. — 2$50.

MARQUES JUNIOR (HENRIQUE), adaptador — *O Anão amarelo*. (Biblioteca maravilhosa para Crianças, N.º 2). — 63 p. 8º c. capa il. c. grav. — 2$50.

MARQUES JUNIOR (HENRIQUE), adaptador — *Se eu fôra rei...* (Biblioteca Maravilhosa para Crianças, N.º 3). — 79 p. 8º c. capa il. c. grav. — 2$50.

MARYAN (M.) — *O Crime do pai*. (Romance). — 359 p. 8º — 10$00.

MARYAN — *Reconquistada*. (Romance). Trad. de Vasco Rodrigues. — 274 p. 8º — 10$00.

NO LIMIAR *da vida*. — Carta às donzelas. — 15 p.

O'NEILL (MARIA) — *A Fada loira*. (Contos). Ilustrações de Santos Silva 3.ª ed. — 128 p. 8º — 6$00.

RICHMOND (OSCAR) — *O morto vivo*. Romance policial. 240 p. 8º — 5$00.

SANTOS FERREIRA (MAJOR G. L.) — *A escrita hieratica dos hebreus, revelada pela interpretação das inscrições ibéricas*. — 89 p. 4º.

SANTOS FONSECA (TIAGO DOS) — *Elementos de gramática portuguesa*. — Com um resumo do prontuário ortográfico. — 84 p. 8º. — 4$00.

THIERRY (GEORGES) — *A Ilha azul*. (Romance). Trad. de Florbella Espanca Lage. — 368 p. 8º c. capa il. il. — 10$00.

SCIÊNCIAS E ARTES

ALMEIDA E SILVA (JOÃO PAIS DE) — *O «Sport» e a decadência da raça*. — 71 p. 8.º

AZEVEDO DE MENEZES (CARLOS) — *Nota acerca de algumas plantas da flora do archipélago da Madeira*. — 7 p. 8.º

CARVALHO SAAVEDRA (J. C.) — *Rudimentos de química experimental*. 4.ª ed. — 287 p. 8.º — 8$00.

FONSECA (FERNANDO) — *Magreça e emagrecimento*. Seu tratamento pelo insulina em adultos. I-II. — 2 fasc. 8.º

MACHADO E COSTA (ALFREDO AUGUSTO DE OLIVEIRA) — *Aspectos vulcânicos do mesozoico português*. (Traços da arquitectura eruptiva de Portugal). — 29 p. 8.º

MANUAL do saboeiro e perfumista. 3.ª ed. — 256 p. 8.º — 10$00.

MARDEN (ORISON SWETT) — *A arte de economisar e poupar*. Trad. de A. P. das Neves Ferreira. — 266 p. 8.º — 10$00.

MENDES CORREIA (PROF. A. A. *Antropologia aplicada*. — 1926; 48 p.

MENDES CORREIA (A. A.) — *Prehistoria no distrito do Porto* — O Petroglifo do guerreiro no castro pre-romano do Reguengo. — 4 p.

OLIVA JÚNIOR (LUÍS) — *Construção de aparelhos eléctricos pelo amador*. — 360 p. 8.º — 10$00.

PEIXOTO LINDOSO (ANTÓNIO J. G.) — *Resumo de química* para a 5.ª classe dos liceus. 2.ª ed. — Lisboa, Liv. Pacheco, 1926; 72 p. 8.º — 3$00.

SANTOS (ALFREDO DOS) e SILVA (AMADEU CESAR DA) — *Elucidário do bombeiro*. — 158 p. 8.º — 7$50.

SYNESIUS — *A Astrologia*. — 268 p. 8.º — 7$00.

HISTÓRIA E GEOGRAFIA

BETTENCOURT FERREIRA (J.) — *A Missão de Geoffroy Saint-Hilaire em Espanha e Portugal, durante a invasão francesa, em 1808*. (Documentos para a história do Museu Nacional de Lisboa). — 22 p. 8.º

COSTA (FERNANDO DA) — *Índia antiga e moderna*. (Conferência). — 23 p. — 2$50.

DORNELAS (AFONSO DE) — *As tapeçarias de D. Afonso V foram para Castela por oferta déste rei*. Comunicação feita em 19 de Abril de 1926 na Associação dos Arqueólogos Portugueses. — 56 p. 8.º c. est. — 40$00.

ESTRANGEIROS AMIGOS DAS NOSSAS LETRAS

VALERY LARBAUD

Nome vitorioso entre os modernos escritores franceses, como fino intérprete da sensibilidade e da inteligência contemporâneas, o autor de *Barnabooth* e dos *Amants, heureux amants* pertence ao número dos amigos da nossa terra e das nossas letras. O mês que estanciou em Portugal teve o condão de despertar-lhe um vivo interêsse pelos vultos mais notáveis da literatura portuguesa, sobretudo por Eça de Queirós, cuja prosa translúcida, dúctil e expressiva positivamente o deixou encantado. Por isso neste momento o nome do grande romancista dos *Maias* é atirado ao largo público da França que lê, através de entusiásticos artigos de crítica saídos da pena generosa de Valery Larbaud, que dêste modo tem pleno direito a figurar nesta galeria de lusófilos.

LIRIO (PADRE MANUEL) — *Monumentos e instituições religiosas*. Subsidios para a história de Ovar. — 220 p. 8.º

MALHEIRO (CORONEL) — *Da Flandres ao Hanover e Mecklenburg*. (Notas dum prisioneiro). — 478 p. 8.º

MARQUES GUEDES (ARMANDO) — *Cinco meses no govêrno* — 395 p. 8.º — 12$00.

MAHTINS DE SOUSA (TUDE) — *Mata do Gerês*. Subsidios para uma monografia florestal. — 253 p. 8.º c. grav.

MENDES PÓVOAS (F.) — *Entre serras... Herminismo*. — 149 p. 8.º c. capa il. — 10$00.

PERES (DAMIÃO) — *Estudos de história*. — 85 p. 8.º.

ROCHA MARTINS — *D. Carlos* — História do seu reinado 1 fasciculo. — 48 p. 8.º c. est. — 10$00.

SAUSSURE (A. DE) — *Martinho Lutero*. Simples narração da sua vida. (Trad. de Ana Huber). 3.ª ed. — 187 p. 8.º c. capa il.

RELIGIÕES

ANDROSS (A.) — *Jesus volta na nossa geração*. — 48 p. 8.º c. capa il. c. grav. — 1$00.

ALCYONE (J. KRISNAMURTI) — *«Aos pés do mestre»*. Perante as escrituras. Trad. e anotado por S. I. F. — 76 p. 8.º — 1$50.

ESTRADE (J. B.) — *As Apparições de Lourdes*. Recordações intimas de uma testemunha. Versão de Manuel Ferreira Matheus. — 30. p. 8.º

FREIRE (JOÃO PAULO) — *Lôas e cirios no concelho de Mafra*. O Cirio de todos os santos e o cirio da Senhora da Nazareth. — 34 p. 8.º c. est.

HISTORIA *da Rainha Santa Isabel*, padroeira de Coimbra. — 16 p.

IGREJA (A) *Catolica Romana e o cristianismo do evangelho*. Nova edição do livro «Entre Roma e Cristo». — 78 p. 8.º

BIBLIOGRAFIA

SÁ DA COSTA (AUGUSTO) — *Catálogo de livros antigos e modernos, raros ou curiosos...* — 236 p. 8.º

BELAS ARTES

MINEIRO (JOÃO P.) — *Abecedário musical*. 1.ª parte — Noções elementares de musica. — 17 p.

RIBEIRO FORTES (JOSÉ MACIEL) — *O Fado*. Ensaios sôbre um problema etnográfico-folclórico. — 206 p. 8.º

VENERAVEL (The) *Convent of Our Lady of Bom Successo*. — Lisbon. (Album de fotografias com 19 p. do texto em inglês e português).

SCIÊNCIAS CIVIS

BRAZÃO (ARNALDO) — *Breve relato do congresso feminista e de educação*. — 43 p. 8.º

C. P. — *As Causas do progresso e ruina das nações*. Ensaios de mecânica social. — 151 p. 8.º — 5$00.

ESTATISTICA *das pescas maritimas no continente e ilhas adjacentes* no ano de 1924 comparada com a dos cinco anos de 1920 a 1924 e coordenada pela Comissão Central de Pescarias. — 249 p. 8.º

RAMOS PORTUGAL (FREDERICO) — *Guia do fiscal dos produtos agricolas e generos alimenticios*. — 388 p. 16.º

REGRAS *sôbre arqueações*. Legislação em vigor. — 226 p. 8.º

RIBEIRO (RAFAEL) — *Historia do Direito português*. — 475 p. 8.º

SANTOS FIGUEIREDO (ANTÓNIO DOS) — *A Evolução do Estado no Brasil*. — 270 p. 8.º

SILVA CORREIA (JOÃO DA) — *A Difícil função do professor em Portugal*. (Conferência). — 25 p. 8.º

TEIXEIRA DE CASTRO (AURORA) — *Influência da educação na vida psicologica do homem*. — 28 p. 8.º.

TRINÇÃO (DOMINGOS) — *Direito civil*. Contendo toda a materia de 1.º volume do livro do direito civil do professor Guilherme Moreira. 3.ª ed. — 325 p. 8.º.

CARTOGRAFIA

MAPA colonial português. (Provincia de Moçambique).

CARTA geral da cidade e porto de Lourenço Marques. 1926.

POLIGRAFIA

ALMANAQUE do *Século*. 1927. — 208 p. 8.º il. — 5$00.

ALMANAQUE ilustrado de *Fafe*. 1927. — 120 p. 8.º.

REVISTAS

Registamos a existência das seguintes:

Acção Catolica — Águia (A) — Alma Nova — Amigo da Infância — Anais das Bibliotecas e Arquivos — Auto — Bibliographica (A) — Bibos — Broteria — Cetobriga — Contemporânea — Cultura — De Teatro — Domingo (O) Ilustrado — Eco dos Sports — Educação Social — Estudos — Eva — Gazeta dos Caminhos de Ferro — Guerra (A) — Labor — Lisboa Medica — Luzitânia — Medicos Portugueses — Nação Portuguesa — Nosso Algarve (O) — Portugalia — Reconquista (A) — Renovação — Revista Aeronautica — Revista de Guimarães — Revista de Historia — Revista do Comercio e Contabilidade — Revista dos Tribunais — Revista Escolar — Revista Ilustrada de todos os sports — Revista Vinicola Portuguesa — Sciência e Indústria — Seara Nova — Sol — Terra Alentejana — Vasco da Gama — Vida Elegante.

As livrarias AILLAUD e BERTRAND dão gratuitamente tôdas as informações às consultas bibliográficas que lhes sejam feitas e fornecem todos os livros nacionais e estrangeiros, sendo êstes vendidos ao câmbio do dia

ASSINATURAS DA «ILUSTRAÇÃO»

	Trimestre	Semestre	Anual
CONTINENTE E ILHAS	Escudos 21$00	Escudos 42$00	Escudos 84$00
COLONIAS:			
Africa Ocidental	» 22$00	» 44$00	» 88$00
Africa Oriental, India, Macau e Timor	» 24$00	» 48$00	» 96$00
ESPANHA	» 22$00	» 44$00	» 88$00
ESTRANGEIRO	» 32$00	» 64$00	» 128$00

BIBLIOTECA INFANTIL

As melhores e mais bonitas histórias para crianças por escritores portugueses e brasileiros.

. . . .

Profusamente ilustradas a côres pelos melhores artistas nacionais e estrangeiros.

. . . .

Quereis brindar vossos filhos?
Quereis que tomem gôsto pela leitura?
Quereis que aprendam a ler correntemente?

Dai-lhes, até aos 7 anos, os livrinhos:

NA TERRA E NO MAR
CONTOS GREGOS
BONECOS FALANTES

Dos 10 anos em diante:

ROMANCE DA RAPOSA

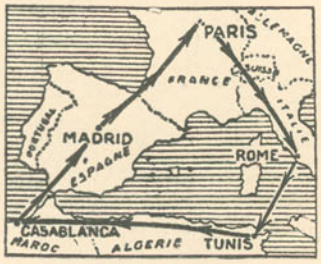
Cada volume, brochado . . 6$00
» » com encadernação especial . . . . 10$00

Pedidos a AILLAUD, LIMITADA
LIVREIROS-EDITORES
73, Rua Garrett, 75
LISBOA

OS GRANDES RAIDS

PARIS — ROMA — TUNIS
CASABLANCA — MADRID — PARIS

EM MENOS DE 40 HORAS



O Capitão PELLETIER D'OISY, o célebre aviador francês percorreu, em 24 e 25 de Agosto, a distância de 6.000 kms. não parando senão uma hora em cada cidade para se abastecer e voando por cima do continente africano durante tôda a noite. O raid foi executado com gasolina «SHELL» Aviação e óleo «SHELL» Super Heavy Aviação do mesmo tipo que é vendido em Portugal

SHELL

GASOLINA — ÓLEOS

THE LISBON COAL & OIL FUEL COMPANY Ltd.

LISBOA

A COLA IDEAL

Do máximo aceio no seu uso colando imediatamente após a sua aplicação.

As suas caixas elegantes, devem figurar sôbre tôdas as mesas de trabalho.

É a cola mais económica, esplêndida em todos os sentidos e que se recomenda pelo aceio e limpêsa no seu uso, apresentada nuns pequenos boiões de alumínio com o respectivo pincel.

A *Grip-Fix* é a melhor cola, sem comparação com as outras vulgares e ordinárias, sujas e de dificil uso.

Um pequeno boião de alumínio com o depósito para o pincel substitui 5 frascos vulgares de cola líquida

POR SER SÓLIDA NÃO SE ENTORNA

Não se deve mais usar outra cola uma vez que se experimentou a GRIP-FIX — Preço 9$00

Unicos representantes para Portugal e Colónias: AILLAUD, LIMITADA

25, RUA ANCHIETA — LISBOA

DEPOSITARIO NO NORTE: C. Diogo Machado — Rua Infante D. Henrique, 64 — PORTO

ACABA DE PUBLICAR-SE

O

Único no seu género em Portugal.

Páginas recreativas, amenas e instrutivas.

Maior êxito de livraria e o melhor passatempo.

Enciclopédia de conhecimentos úteis.

Um elegante volume de 400 páginas 10$00

A' venda em tôdas as livrarias, agências e correspondentes

Pedidos aos editores AILLAUD, LIMITADA

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA